



Joana Filipa
Peixeiro De
Carvalho

**A Importância da Expressão
Plástica no Pré-Escolar – Como
promover o interesse da criança
para a Expressão Plástica?**

Relatório do Projeto de investigação do Mestrado
em Educação Pré-Escolar

ORIENTADOR

Professor Especialista Pedro Miguel Rebelo Felício

Julho de 2020

Joana Filipa
Peixeiro De
Carvalho

**A Importância da Expressão
Plástica no Pré-Escolar – Como
promover o interesse da criança
para a Expressão Plástica?**

JÚRI

Presidente: Professora Doutora Sofia Gago da Silva Corrêa Figueira

Orientador: Professor Especialista Pedro Miguel Rebelo Felício

Arguente: Professora Especialista Maria Teresa Elvas de Matos

Julho de 2020

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente ao professor orientador, Pedro Miguel Rebelo Felício pela sua disponibilidade e compreensão.

À educadora cooperante não só pela sua disponibilidade como pela sua ajuda durante o estágio e também á equipa pedagógica da instituição, por se terem mostrado sempre disponíveis durante o estágio.

À minha amiga Andreia, por me ter incentivado e acreditado em mim.

Ao meu namorado, que não só acreditou em mim, mas também me incentivou.

Mas quero agradecer principalmente, aos meus pais, que não me deixaram nunca desistir.

RESUMO

O mundo que nos rodeia está envolvido em arte, e como tal, esta faz parte do dia-a-dia das crianças. As atividades que são realizadas em sala de pré-escolar submetem a criança para a sua criatividade e imaginação, como tal podemos dizer que ao realizarem uma atividade, as crianças estão a envolver a arte na sua realização.

O que constatei no estágio, foi que na sua maioria, as crianças da sala de pré-escolar exploravam todas as áreas da mesma, mas apenas utilizavam a área da expressão plástica quando eram incentivadas a tal pela realização de alguma atividade proposta pela educadora. Sendo assim, quis com este relatório compreender como é que pudemos estimular a criança para a expressão plástica.

Para a realização da questão-investigação, “Como promover o interesse da criança para a expressão plástica?», foi utilizada a metodologia de investigação-ação. Propus então na sala de pré-escolar, a sala de atividades 1, que o grupo alterasse a área da expressão plástica para poder melhor usufruir da mesma e realizar um trabalho em conjunto para identificar os materiais disponíveis na área.

Esta metodologia presume que todo o seu processo e desenvolvimento, seja centrado quer na ação, quer na investigação. Pretende, fundamentalmente, ser uma metodologia que ajude a melhorar a prática onde a ação está a ser desenvolvida.

Usando a metodologia de investigação-ação, foi indispensável, não só realizar a observação no contexto, mas também intervir de forma a poder atingir os objetivos subentendidos a este trabalho.

Contudo, cheguei a algumas conclusões que irão facilitar o meu percurso como educadora, em relação à disposição dos materiais na área da expressão plástica. No entanto tenho consciência que estas conclusões poderiam ser diferentes se fossem realizadas em diferentes contextos, com diferentes grupos de crianças, podendo assim ter uma maior diversidade de observações e conclusões.

Palavras-chave:

Expressão Plástica; Arte; Educação Pré-Escolar; Educação de Infância; Criatividade

ABSTRACT

The surrounded world is involved in art, it belongs to the child daily routine.

The activities done in kindergarten rooms submits the child to be more creative and to have more imagination. So, we can say that when children are involved in any activity they are doing it with art.

I realized during the observation period, that most of the children were exploring all the different activity areas in the kindergarten room, but they only used the area of plastic expression when the teacher promoted an activity. So, I would like to understand how we can encourage them to enrol in plastic expression activities, autonomously.

To answer the research question, “How to promote the child interest in plastic expression”, was used a methodology of action-research. I suggested that in the kindergarten, in the activities room 1, that the group could change the artistic expression area, like this they can enjoy it better.

This methodology presumed that all the process and development has a focus in action and research. It intends, fundamentally, to be a methodology that helps getting a better practice where action is being developed.

Using this methodology, was useful, not only for data gathering from observing but also to achieve the objectives of this project. The investigation was made in a kindergarten room.

However, I took some results that, I believe, will make my way as a teacher, concerned the place where the artistic expression area is. I know these conclusions could be different, if they were done in distinct contexts with distinct groups of children. So, we could have a diversity of observations and conclusions.

Keywords:

Artistic Expression; Art; Preschool Education; Childhood Education; Creativity

ÍNDICE

Agradecimentos	1
Resumo	4
Abstract.....	5
Introdução.....	10
Quadro teórico de referência	13
1.Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar.....	14
2.O Papel do Educador de Infância	17
3.Despertar o interesse da criança para a expressão plástica	19
Metodologia do Estudo.....	22
1. Identificação e justificação sobre o método utilizado	23
2. Identificação dos Procedimentos de Recolha e Tratamento de dados.....	25
2.1. Observação Participante.....	26
2.2. Notas de campo.....	27
2.3. Registo Fotográfico	28
2.4. Pesquisa Documental.....	29
Apresentação e interpretação das intervenções	30
1.Apresentação do Contexto.....	31
1.1. Caracterização da instituição	31
1.2. O contexto de Pré-Escolar	32
1.3. Caraterização do Grupo	34
1.4. Organização e Dinâmica do Espaço	35
1.5. Organização e Dinâmica do Tempo	37
1.6. Equipa Pedagógica	38
2. Intervenções	39
Considerações Finais	44
Bibliografia.....	50
Apêndices	54
Apêndice 1 - Planificação.....	55
Apêndice 2 – Notas de Campo (Diário de Bordo).....	56
Apêndice 3 – Documento em PowerPoint.....	63
Apêndice 4 – Imagens do livro sobre Joan Miró.....	69

Apêndice 5 - Entrevista a educadora cooperante	71
Apêndice 6 - Fotografias da atividade	72
Apêndice 7 - Fotografias dos materiais e da área de expressão plástica.....	77
Anexos	83
Anexo 1 – Plano de atividades	84
Anexo 2 - Rotina da sala	91
Anexo 3 - Planta da sala.....	92

Quadro de Acrónimos

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

ME – Ministério da Educação

MEM – Movimento de Escola Moderna

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

CR – Creche

PE – Pré-Escolar

EP – Expressão Plástica

Antes de uma criança começar a falar, ela canta.

Antes de escrever, ela desenha.

No momento que consegue ficar de pé, ela dança.

Arte é fundamental para a expressão humana.

(Phylicia Rashad)

INTRODUÇÃO

O presente Relatório desenvolveu-se no âmbito da Unidade Curricular Estágio III, do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Este surge do estágio realizado numa IPSS, Instituição A, na qual trabalho. Apesar de ter realizado o mestrado em 2014 não entreguei o relatório de projeto e como tal deixei passar e só agora a trabalhar como auxiliar de ação educativa decidi voltar e terminar o que tinha começado, deram-me a oportunidade de estagiar na instituição onde trabalho e assim o fiz. Este estágio teve a duração de 6 semanas (de 30 de janeiro de 2019 a 13 de março de 2019 – 2 semanas e meia em observação, 2 semanas para interação com o grupo na sua rotina e atividades, 1 semana para realizar a intervenção e os últimos 3 dias para observar a interação com a área da EP) e apresenta o desenvolvimento e resultados do estudo que tem como tema: A Importância da Expressão Plástica no Pré-Escolar – Como promover o interesse da criança para a Expressão Plástica?

Está organizado nos seguintes capítulos: **quadro teórico de referência**, onde consta uma breve apresentação de conceitos e a respetiva fundamentação teórica associados à área de intervenção; **metodologia do estudo**, onde é justificado o tipo de estudo, assim como os métodos e instrumentos selecionados para a implementação do trabalho; **descrição do contexto educativo**, onde é realizada uma descrição sobre o contexto onde foi realizado o estágio; **apresentação e interpretação da intervenção**, onde se ilustram as atividades desenvolvidas, os dados recolhidos, bem como uma análise decorrente dos mesmos; **considerações finais**, que refletem o que de mais significativo se aprendeu durante o percurso de intervenção, quais as dificuldades encontradas no decorrer da prática, assim como, com a realização do presente documento. Por último, ressalva-se que qualquer informação adicional referente às fontes bibliográficas consultadas para a realização do presente trabalho poderá ser consultada no tópico das **referências bibliográficas** a que se seguem os **apêndices** e **anexos**.

A arte esteve sempre no meu dia-a-dia, desde muito cedo comecei a trabalhar na área artística, como tal foi fácil identificar o tema que iria escolher para a minha questão de investigação-ação, embora ainda não soubesse como o ia fazer. Assim que comecei o estágio de observação/ação, apercebi-me que podia utilizar este tema, pois verifiquei que a área da expressão plástica que se encontrava na sala, não estava a ser muito utilizada pelo grupo de crianças da mesma. Durante os momentos de observação, verifiquei que as

crianças só utilizavam aquela área nos momentos em que a educadora cooperante pedia para que realizassem alguma atividade e quase nunca de forma autónoma.

Desta forma a problemática que vou abordar neste relatório, relaciona-se com a transformação do espaço da área da expressão plástica na sala de pré-escolar e da identificação dos materiais da mesma. Pois, depois de observado o grupo no seu dia-a-dia na sala, pude constatar que esta acaba por ser uma área que as crianças não procuram muito, pois preferem explorar as outras áreas (jogos, construções, casinha, garagem, brinquedos, etc.). Como tal, acaba por ser explorada apenas quando é proposta pela equipa da sala através de alguma atividade. Observei também que o grupo não tinha acesso a vários dos materiais que pertencem a área de expressão plástica, pois estes estão guardados em móveis a que as crianças não tinham acesso ou em locais muito altos onde estas também não chegavam (sem que o adulto estivesse presente). São estes os pontos que pretendo que se alterem com a modificação da área da expressão plástica, foco da minha investigação-ação que desenvolvi e que aqui relato.

Uma vez que já existia a área da expressão plástica na sala, tentei transformar a mesma, tornando-a mais estimulante e acessível para as crianças. Assim, juntamente com as crianças do grupo, observámos os materiais que podiam ser acrescentados para que existisse uma maior diversidade, estimulando a curiosidade da criança para os mesmos.

A investigação realizada consistiu em desenvolver uma sequência de atividades, devidamente contextualizadas e com a respetiva intencionalidade pedagógica, no sentido de proceder à implementação de uma metodologia de trabalho diferente da que se encontrava a ser desenvolvida até então. Para tal, foram apresentadas às crianças várias imagens com o auxílio de um documento em “PowerPoint” e um livro sobre o pintor/escultor Joan Miró. Através das imagens do seu ateliê e das suas obras de arte incentivei, em conjunto com a educadora responsável, as crianças a refletirem sobre a área da expressão plástica da sua sala e como é que o grupo podia deixá-la mais organizada, com uma fácil utilização, podendo assim explorar esta à sua vontade. O objetivo desta intervenção é que a criança possa ter acesso a todos os materiais e, gradualmente, se torne autónoma ao realizar trabalhos e explorar os diversificados materiais da área da expressão plástica, sem necessitar da ajuda permanente do adulto.

QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

1. Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar

Segundo alguns autores, na educação das crianças a expressão plástica tem aparecido sempre em segundo plano, ou seja, apenas nos momentos de diversão. “Durante muito tempo, a educação preocupou-se mais com a adaptação do indivíduo ao meio social do que com a sua capacidade de intervenção ou de iniciativa nesse mesmo meio.” (Gonçalves, 1976, p. 9). Mas estas atividades de diversão servem para que as crianças possam estruturar o seu pensamento, conceber a sua personalidade e até descrever o mundo e a realidade como elas o vêem.

Pegando na curiosidade natural que as crianças demonstram, devemos introduzir a expressão plástica no seu dia-a-dia, pois é aqui, nesta passagem pelo pré-escolar que a criança tem o maior contacto com a expressão plástica e por isso há que a incentivar a explorar várias técnicas, para adquirir novos conhecimentos, gostos e interesses, estimulando assim a sua criatividade.

Durante o percurso escolar, a criança vai perdendo cada vez mais o contacto com a expressão plástica e como tal é necessário incentivar e estimular a criança para que não perca esse gosto, envolvendo assim a expressão plástica no dia-a-dia da criança, recriando as suas vivências e emoções. Podemos observar na matriz curricular do 1º Ciclo do Ensino Básico (Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro) tanto no 1º e 2º ano, como no 3º e 4º que a carga horária da área de expressão plástica é diminuta. Comparando com as demais componentes do currículo, verificamos que a Matemática e o Português têm uma carga horária semanal de 7 horas, o Estudo do Meio de 3 horas, sendo que as Expressões artísticas e Físico-Motoras dividem 3 horas semanais (ou seja, em teoria, apenas 1 hora e 30 minutos para desenvolver a área de expressão plástica). Na creche, a criança mantém um grande contacto com a expressão plástica, pois esta é utilizada na maioria das atividades e explorações no seu dia-a-dia em sala, mas na educação pré-escolar as crianças já começam a perder mais o contacto, pois o seu currículo é estruturado através das OCEPE, que estão divididas em três áreas de conteúdo, dividindo assim a sua importância com outras áreas. Estas três áreas de conteúdo estão divididas em: área de formação social e pessoal; área de expressão e comunicação e a área do conhecimento do mundo. Por sua vez, a área de expressão e comunicação está dividida em quatro domínios: domínio da educação física, domínio da educação artística, domínio da linguagem oral e

abordagem á escrita e domínio da matemática. Mas só dentro do domínio da educação artística é que aparece o subdomínio das artes visuais (expressão plástica) juntamente com o subdomínio do jogo dramático/teatro, o subdomínio da música e o subdomínio da dança. Como tal conseguimos perceber através das OCEPE o papel que a expressão plástica tem como subdomínio, parecendo-me a mim que pode, por vezes, passar despercebida a sua importância no desenvolvimento da criança, embora se indique que “As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação. Assim, é importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos (...)” (OCEPE, 2016, p. 49).

A exploração da expressão plástica (pintura, escultura, fotografia, etc..) remete para a expressão da criança ao explorar uma determinada técnica e não para o resultado final, “obra de arte”. “A expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades. As artes plásticas ao serviço da criança e não esta ao serviço das artes plásticas.” (Sousa, 2003, p. 160). Estas explorações também devem ser analisadas em diferentes contextos (a criança deve ter acesso a imagens, a livros, à internet e até sair da instituição para realizar visitas de campo a museus, etc..) junto da sua comunidade tendo assim a noção da cultura envolvente para que possa conhecer o mundo em que vive. Os trabalhos realizados pela criança servirão para que esta possa descrever o mundo como ela o vê. “O adulto deve deixar que a criança se exprima de acordo com os seus desejos e tendências. O adulto deve deixar que a criança se esclareça e se revele através do que faz.” (Gonçalves, 1976, p. 11).

É através das atividades livres de expressão plástica que a criança se expressa espontaneamente, transmitindo assim para a sua “obra” final os seus sentimentos. “O seu principal objetivo é a expressão das expressões e sentimentos através da criação de materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança.” (Sousa, 2003, p. 160).

Como tive oportunidade de observar em alguns contextos (estágios de observação em creche e pré-escolar, e no trabalho também em salas de creche e pré-escolar), o

educador/adulto oferece à criança uma imagem já pré-concebida em que esta é apenas convidada a pintar por dentro das linhas. O que faz com que a criança não possa explorar a sua imaginação e até mostrar o que sente ao pintar esse objeto. Por exemplo, se dermos uma imagem de um peixe já desenhado a criança vai apenas pintar o que lhe foi dado (a imagem já lá está) e se fosse a criança a desenhar iria, através do seu desenho, mostrar o que sente sobre o peixe e a forma como ela o vê ou até se já viu algum. Se a criança não tivesse observado nenhum iria mostrar a sua criatividade e imaginação, o que não vai acontecer se esta encontrar o peixe desenhado na folha. Possivelmente irá tomar como certo de que os peixes têm “todos” aquela imagem. “Uma criança, depois de condicionada à coloração de figuras, terá dificuldades em desfrutar da independência de criar. (...) A experimentação e a pesquisa têm provado que mais que metade das crianças, expostas aos cadernos de colorir, perdeu sua criatividade e sua autonomia de expressão. Tornando-se rígidas e dependentes de modelos.” (Lowenfeld, 1977, p. 24).

Como tal, é importante deixar que a criança tenha liberdade para realizar os seus desenhos/pinturas (obras), para que esta não fique com o seu pensamento delimitado, para que não perca a sua autonomia para desenhar ou criar o que lhe vai no pensamento. “O adulto aborda muitas vezes a acção auto-educativa da criança com o seu pensamento de adulto, não tomando em consideração as verdadeiras motivações, sentimentos e pensamentos da criança.” (Sousa, 2003, p. 172).

Ao se esquecerem das verdadeiras motivações das crianças, os adultos passam para as mesmas a certeza de um desenho feito para impressionar o próprio adulto. Muitas vezes demonstram às crianças que o típico desenho “bonito” é que está correto, daí muitos adultos dizerem que não têm jeito para a expressão plástica, pois foi isso que ouviram em criança quando confrontados com o que faziam.

Muitas das vezes, e como já tive oportunidade de observar (pois exerço funções de auxiliar de acção-educativa numa instituição que contém a valência de pré-escolar), a criança rabisca ou esculpe de uma forma livre e sem ter uma intenção “perfeita aos olhos do adulto” no que faz, mas sim no prazer que isso lhe dá. Sem que tenha um produto final como costumam dizer “bonito”.

Desta forma as crianças que não conseguem corresponder aos desejos de perfeição destes “adultos” começam “a sentir uma aversão ao desenho e à pintura e, sempre que lhe

propõem uma destas ações responde invariavelmente que “não sabe desenhar”, ou que “não tem jeito” (Sousa, 2003, p. 173), acabando por perder o interesse na expressão plástica e sentir até uma repugnância pelo tema. Depois, quando confrontados para a realização de atividades ou explorações de expressão plástica preferem fazer outras atividades.

Não é esta aversão que pretendo passar para as crianças, mas sim o contrário, que tenham gosto em se expressar através da expressão plástica, e que tenham interesse e curiosidade ao manusear e ao descobrir novos materiais. Então pergunto-me como posso estimular esta área num grupo crianças?

2.O Papel do Educador de Infância

O educador de infância tem uma função orientadora importante no desenvolvimento das competências das crianças, pois é este que elabora o currículo, adaptando-o às suas necessidades e individualidades.

Cada criança é um ser individualizado e como tal tem o seu tempo de aprendizagem. É muito importante que o educador tenha isso em atenção, pois é necessário cativar o interesse das crianças e como cada uma é diferente da outra, o educador e a sua equipa têm que estar preparados para atuar consoante o seu grupo, para que possam assim cativar e estimular as crianças para a exploração e realização de atividades lúdicas, assim como despertar a sua curiosidade e criatividade. Parte do educador proporcionar oportunidades para que as crianças possam explorar materiais e ter as suas próprias experiências através dessas explorações e possam também partilhar com as outras crianças as suas experiências já adquiridas (do resultado da sua vivência). O educador tem que, através da sua intencionalidade educativa, proporcionar momentos em que a criança possa desenvolver a sua autonomia, criando vivências e experiências em que possa tirar as suas conclusões.

O educador deve proporcionar atividades, que envolvam a expressão plástica (entre outras) e o manuseamento de materiais variados, para que tenham uma maior criatividade e alargando o seu conhecimento do mundo. Como tal, o educador tem um papel muito importante, pois é o seu dever “selecionar esses contextos, privilegiando artistas portugueses, diversificando estilos (figurativo, abstrato, etc.) para planear oportunidades

de as crianças observarem, explorarem e criarem interesse por diferentes manifestações artísticas. Importa que, também no pré-escolar, haja imagens de obras de arte à disposição das crianças, que as poderão rever e utilizar para recriar as suas produções, dialogar em grupo sobre elas, partilhando as suas descobertas e interpretações, de modo a que sejam um meio de alargamento e enriquecimento cultural e de desenvolvimento da apreciação crítica.” (OCEPE, 2016, p. 50).

Tendo o educador o papel de impulsionar as aprendizagens das crianças, Sousa (2003, p. 182) refere vários assuntos atrativos que o educador deve ou não fazer em relação a este tema. Como tal, para ele o educador deve “considerar a expressão plástica da criança como uma projeção da sua personalidade em formação”; “compreender que, enquanto trabalha, a criança está adquirindo experiências importantes para o seu desenvolvimento”; “estimular a criança nas suas relações com o ambiente”; “apreciar o esforço da criança, quando esta consegue expressar a sua própria experiência”; compreender que as “proporções erradas” exprimem, frequentemente, uma experiência”; “compreender que as percepções da criança, a respeito da arte, são diferentes das do adulto”; “apreciar os trabalhos artísticos da criança de acordo com os seus próprios méritos”; “colocar à disposição da criança um local apropriado, onde possa trabalhar”; “ensinar a criança a respeitar as manifestações de arte dos outros”; “encorajar o espírito de liberdade, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma”; “criar um clima de tolerância, que nasce da própria necessidade da criança se expressar por si mesma”; “criar um clima de tolerância, propício à espontaneidade expressivo-criativa” e “deixar que a criança desenvolva a sua própria técnica, através da experimentação”.

Em relação ao que o educador não deve fazer o autor refere: “Corrigir” ou “ajudar” a criança no seu trabalho, procurando impor-lhe uma personalidade de adulto”; “considerar que o “produto final” do esforço infantil tenha alguma importância”; “entregar à criança cadernos para colorir ou modelos de desenhos que a tornariam insensível ao ambiente”; “demonstrar apreço por tudo o que a criança faça indiscriminadamente”; “corrigir as proporções dos trabalhos”; “esperar que as manifestações artísticas das crianças sejam sempre agradáveis aos olhos dos adultos”; “preferir o trabalho de uma criança ao de outra”; “limitar a actividade infantil, deixando de dar à criança um local apropriado para trabalhar”; “fazer comparações ou competições de trabalhos de crianças, sobretudo quando envolverem prémios ou recompensas com estímulos”; “impor à criança os

padrões dos adultos”; “pendurar o “melhor” trabalho na parede”; “mostrar à criança “como se faz”, “como se desenha” ou “como se pinta”.

3.Despertar o interesse da criança para a expressão plástica

Segundo Lowenfeld (1977, p. 46), a expressão artística da criança é apenas uma identificação da sua personalidade. Ou seja, numa criança que seja livre e desinibida a sua expressão plástica também vai ser livre e desinibida. Mas também cabe ao adulto proporcionar à criança condições para essa liberdade de expressão. Para tal, tem de existir na sala uma variedade de materiais (pincéis, tintas, canetas, lápis de cor e de cera, tesouras, tecidos, revistas, cola, folhas de vários tamanhos e materiais, material reciclado, etc.) acessíveis à criança, ao seu nível para que os possa manusear sempre que quiser sem ter que pedir ao adulto, para que esta possa escolher livremente. “Embora a abundância de materiais colocados à disposição da criança possam desviá-la ou distraí-la do ponto de vista da habilidade criadora, é necessário que ela disponha, em quantidade suficiente, das várias espécies desses materiais capazes de estimular sua expressão artística.” (Lowenfeld, 1977, p. 46).

Ao preparar um espaço na sala para o efeito da exploração da expressão plástica a criança vai sentir-se tentada ao explorá-la e se tudo estiver ao seu dispor e ao seu alcance vai fazer com que a criança se sinta autónoma e desenvolva os seus trabalhos de acordo com a visão que tem do mundo (gostos e pensamentos). “Ao permitir que tudo aconteça naturalmente e sem esforço, como quem respira, a criatividade apela para uma pedagogia naturalista e libertária que se traduz pela intervenção não diretiva do educador, que era já a de Jean-Jacques Rousseau há duzentos anos, como foi mais tarde a dos pioneiros Delcroly, Montessori e Freinet.” (Vygotsky, 1930, p. 7).

As crianças têm uma imaginação fértil e muita criatividade, mas esta varia de criança para criança, conforme a sua vivência e relação com o meio que a envolve, “a imaginação depende da experiência e a experiência da criança se vai acumulando e aumentando paulatinamente sendo portadora de traços peculiares profundos que a distinguem da experiência do adulto.” (Vygotsky, 1930, p.7).

É nessa imaginação e criatividade que devemos explorar novas técnicas, para que a criança possa assim se interessar na expressão plástica e nas suas múltiplas técnicas, como forma de se expressar. “As crianças podem imaginar muito menos coisas do que os adultos, mas acreditam mais nos frutos da sua fantasia e controlam-na menos, e por isso a imaginação no sentido vulgar, corrente na palavra, ou seja, qualquer coisa de inexistente, ou de sonhado, é maior na criança do que no adulto.” (Vygotsky, 1930, p. 9).

Na exploração da expressão plástica, “o interesse pedagógico centra-se na criatividade, sendo a acção de criar apenas uma forma de desenvolver esta capacidade.” (Sousa, 2003, p. 169). É importante que as crianças desenvolvam uma atividade criadora, pois faz com que estas desenvolvam não só a sua criatividade, mas também a sua capacidade de pensar e a sua sensibilidade para o mundo que as rodeia. Segundo Lowenfeld (1977, p. 16), quanto mais sensitivas forem as relações das crianças com o mundo envolvente, maior serão os seus entendimentos com ele e mais ricos.

Previamente ao estágio de investigação-ação, tive a oportunidade de observar no contexto de pré-escolar (num estágio de observação, numa sala de pré-escolar, na instituição 1º de Maio, no seixal) a exploração da expressão plástica através da representação de árvores, onde cada criança desenhou e pintou a sua árvore através da maneira como ela a vê e explorando o material que lhe foi facultado. Neste caso, como existiam vários materiais (pincéis, rolo de esponja, rolos de papel higiénico e balões) para pintar com tintas, as crianças puderam usar esses instrumentos de acordo com a sua imaginação e representar as árvores. O resultado final ficou diferente de criança para criança, pois cada uma tem a sua maneira de ver a árvore. O grupo mostrou contentamento pela atividade desenvolvida pois teve oportunidade de escolher os materiais que queria utilizar assim como ter liberdade para o fazer tal como quisesse.

As crianças não foram “formatadas” para algo que já estava desenhado e por isso foi-lhe incutido o interesse para desenvolverem a sua criatividade, sentindo-se livres a crianças conseguem controlar as suas emoções e ao mesmo tempo mostrá-las através das suas obras. Todas as obras foram observadas e admiradas pelas crianças e pelos adultos, pois não é importante se o desenho está bem feito ou não, mas sim a expressão dos seus sentimentos e das suas emoções. “(...) não se fazem quaisquer juízos de valor. Não interessa se a obra é “boa” ou “má”, “bonita” ou “feia”, é o acto expressivo que interessa

e não a plástica. Trata-se de “expressão” plástica e não de produção plástica.” (Sousa, 2003, p. 161).

A expressão plástica “pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções.” (Lowenfeld, 1977, p. 19). Por isso, será importante fornecer os instrumentos de trabalho para a produção de obras para que as crianças possam explorar assim o seu intelectual através da expressão plástica.

METODOLOGIA DO ESTUDO

1. Identificação e justificação sobre o método utilizado

Ao realizar este projeto desejo aprofundar os meus conhecimentos sobre o tema da expressão plástica no pré-escolar. Verifiquei no estágio de investigação-ação, na sala de atividades 1, de que forma é que as crianças estavam a ser estimuladas para a expressão plástica e se tinham um fácil acesso aos materiais para que os pudessem explorar os mesmos quando assim o quisessem sem o auxílio do adulto.

Também quis tentar perceber quais os materiais que são utilizados na sala de atividades 1, e que estão ao dispor das crianças, se são diversificados (ou apenas contêm canetas/lápis e folhas brancas), se têm espaços específicos para explorarem a expressão plástica e se o fazem autonomamente ou apenas com o auxílio dos adultos da sala.

Com este estudo de investigação-ação pretendo motivar a criança para o interesse na expressão plástica, através da intervenção no espaço na sala destinado a esta área, tornando-o mais atrativo e de fácil manuseamento para a criança, estimulando assim a sua curiosidade e interesse.

Observando a opinião do autor Viktor Lowenfeld, segundo este a expressão plástica de uma criança é a descrição da sua personalidade, se esta for livre, flexível e desinibida a sua expressão também o serão, mas se esta for tensa, limitada e inibida a sua expressão mostrará estas mesmas características, podemos compreender que, num contexto educativo, a relação entre as crianças e a expressão plástica surge também da intervenção do adulto/educador. Por outro lado, vários autores indicam que as crianças têm o direito de poder explorar os materiais livremente, sem que a intervenção do adulto seja constante e limitante, só assim se poderá observar completas criações da criança (do seu próprio “eu” e espelho da sua personalidade) sem interferências do adulto. Para tal estas têm que ter liberdade para poder explorar os materiais disponíveis à sua vontade e não limitando esse acesso. Por outro lado, o da criatividade, vários autores defendem que desde que consiga distinguir o real do seu imaginário esta deve ser sempre criativa e poder usar o seu imaginário para o retratar no papel. Se a criança quiser pintar uma árvore da cor azul terá essa liberdade e não será julgada pelos outros.

Desde 21 de setembro de 1990 que Portugal aprovou a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) e podemos constatar no artigo 13º/1 o que referi acima, que todas as crianças têm o “direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de

procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem consideração de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.”

Considerarei que, para que o processo de investigação decorresse da melhor forma seria necessário selecionar a metodologia mais adequada ao contexto em questão, mas também eleger uma metodologia que conduzisse aos resultados pretendidos e de acordo com objetivos estabelecidos inicialmente.

Primeiramente, tornou-se essencial recorrer às diferentes abordagens que conheço, para que posteriormente fosse possível fazer uma seleção. Sendo as abordagens conhecidas as quantitativas, qualitativas e mistas, optei por desenvolver a investigação seguindo os contornos de uma abordagem de caráter qualitativo, por considerar que esta se adequaria, tendo em conta a questão de investigação e o contexto.

Craveiro (2007, p. 202) refere que, "a perspetiva qualitativa de pesquisa tem como objetivo a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações num dado contexto". E acrescenta, "(...) pretende-se interpretar em vez de mensurar e procura-se compreender a realidade tal como ela é, experienciada pelos sujeitos ou grupos a partir do que pensam e como agem (seus valores, representações, crenças, opiniões, atitudes, hábitos)".

Assim, entende-se que o processo de investigação concretizado teve uma abordagem qualitativa, uma vez que se procurou, numa primeira fase, conhecer e compreender as conceções das crianças acerca do tema, analisar a sua forma de pensar e agir perante a problemática para, posteriormente adequar uma nova metodologia.

Na mesma linha de pensamento, Denzin (1994, citado por Aires, 2011, p. 16), refere que o processo de investigação qualitativa assume-se como sendo reflexivo e complexo, tendo em conta que o desenvolvimento de um processo de investigação exige a passagem por diversas etapas, nomeadamente, a observação (identificação da situação-problema); a planificação e intervenção; a reflexão (análise) e a implementação de um plano de ação (uma possível alteração). Seguindo ainda o ponto de vista do mesmo autor, este tipo de investigação inclui diversas componentes, nomeadamente, uma pesquisa no terreno, a elaboração de um texto de campo e de um segundo texto mais completo e organizado com base nas notas de campo, a construção de um texto interpretativo

provisório onde se apresenta a definição da situação-problema, a sua interpretação e a sua versão científica da realidade social. Posteriormente, depois de uma análise cuidadosa do texto interpretativo por parte dos intervenientes da investigação, surge o *documento final*.

Considerando a trajetória apresentada por Denzin (ibidem), adotei uma abordagem de carácter qualitativo, uma vez que o desenrolar da investigação previa igualmente a uma pesquisa no terreno (estágio) e à elaboração de notas e textos de campo.

Desta forma, a investigação desenvolvida teve por base contornos decorrentes de uma abordagem qualitativa, sendo que o método escolhido segue um *design* que se assemelha aos pressupostos da Investigação-Ação. James McKernan (1998, citado por Máximo-Esteves, 2008, p. 20) refere que:

Investigação-acção é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático - primeiro, para definir claramente o problema; segundo, para especificar um plano de acção -, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da acção ao problema. A avaliação é efectuada para verificar e demonstrar a eficácia da acção realizada. (...) Investigação-acção é uma investigação científica sistemática e auto-reflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática.

Neste caso, considereei que a investigação por mim realizada, se inspira num paradigma interpretativo, uma vez que o objetivo de investigação foi, em parte, conhecer uma determinada situação-problema, compreendê-la tendo por base a visão das crianças da sala de pré-escolar do contexto em questão e depois intervir, tentando solucionar a problemática da situação.

2. Identificação dos Procedimentos de Recolha e Tratamento de dados

No que respeita aos procedimentos e as técnicas de recolha e tratamento de dados foi necessário delinear os mais adequados, tendo em conta os objetivos e intencionalidades da investigação. Desta forma, apresento, de forma sucinta, os referidos

procedimentos e/ ou técnicas e instrumentos que possibilitaram a recolha e tratamento de dados. Como refere Aires, (2011, p. 24), "a selecção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objectivos do trabalho de campo". A mesma autora acrescenta ainda que "as técnicas de recolha de informação predominantemente utilizadas na metodologia qualitativa agrupam-se em dois grandes blocos: técnicas directas ou interactivas e técnicas indirectas ou não interactivas" (ibidem). Neste sentido, optei por seleccionar uma técnica directa - observação participante -, e duas técnicas indirectas – diário de bordo e registo fotográfico.

2.1. Observação Participante

A observação é um dos instrumentos com mais destaque na investigação de natureza qualitativa, a minha presença e observação no terreno foi o principal instrumento de recolha de dados, pois segundo Stake, (1995, p. 77), as “observações conduzem o investigador a uma maior compreensão do caso.”.

O acompanhamento diário das crianças possibilitou uma maior aproximação e, consequentemente, uma melhor compreensão daquilo que dizem e pensam, bem como das suas ações e comportamentos. Como menciona Quivy & Campenhoudt (1992, p. 196) "os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho". Desta forma, e tendo em consideração o trabalho desenvolvido com o grupo, foi fundamental para mim o contacto directo e a observação participante junto das crianças, uma vez que só assim se tornou possível uma apreensão das suas concepções acerca da temática desenvolvida. “Escolhemos as oportunidades identificadas em parte pelos problemas que nos ajudam a familiarizar melhor com o caso.” (Stake, 1995, p. 77).

Ainda relativamente à observação participante, Colás (1992, citado por Aires, 2011, p. 25) identifica três etapas da observação: *selecção de cenários*, onde o cenário ideal é aquele onde o investigador consegue um acesso mais fácil e estabelece uma boa relação com os sujeitos e, ainda, oferece informações directamente relacionadas com as questões fundamentais para a pesquisa; *recolha de informação*, recorrendo a notas de

campo, registos textuais dos diálogos com os intervenientes e entrevistas; *tratamento de protocolos recolhidos*, ou seja, uma reflexão acerca dos aspetos observados, formulação de conexões entre as diversas dimensões da realidade observada.

Atendendo à investigação desenvolvida, reconhecem-se as referidas etapas da observação durante a intervenção no contexto de prática pedagógica. De tal forma que o contexto de estágio se revelou o cenário ideal para a implementação da investigação, uma vez que existiu sempre uma boa relação entre todos os intervenientes, quer as crianças, quer a equipa da sala assim como as restantes colaboradoras da instituição; a recolha de informações recorrendo a outros instrumentos foi também uma etapa fundamental, além de algumas notas de campo, foi igualmente elaborado um diário de bordo e, ainda, registos textuais de diálogos que se estabeleceram entre a estudante e as crianças; a análise e tratamento das informações recolhidas através da observação participante foram igualmente alvo de uma reflexão, para que se torne possível o estabelecimento de relações e a verificação de progressos e melhorias face à temática desenvolvida.

Tendo sido um dos procedimentos de recolha de dados mais utilizados, a observação participante acarreta consigo uma série de *vantagens e inconvenientes* (Aires, 2011, p. 27). Ao nível das vantagens, selecionam-se "as potencialidades que demonstra no estudo das dinâmicas e inter-relações dos grupos (...), a facilidade na obtenção das informações internas aos grupos que não seriam detectáveis a partir de outras técnicas, a facilidade no registo de informações não-verbais" (ibidem). No que concerne aos inconvenientes, destaca-se "o perigo da subjectividade proveniente da projecção de sentimentos ou pré-juízos do investigador, a incidência do comportamento do investigador na dinâmica do grupo e a perda da capacidade crítica face a uma possível identificação com o grupo" (ibidem).

2.2. Notas de campo

Relativamente às notas de campo, foi elaborado um diário de bordo, o qual consistiu num excelente instrumento para auxiliar no desenvolvimento do projeto de investigação. Atendendo ao facto que se pretendia explorar e compreender as conceções das crianças face à temática, seria determinante a utilização de um meio que minimizasse o esquecimento das informações. Por outras palavras, com a realização do diário, foi

possível registar com exatidão e de forma pormenorizada os diálogos estabelecidos entre as crianças e a equipa da sala, no decorrer das atividades implementadas.

De acordo com Zabalza (1994, p. 11), surgem três tipos de diários: o diário *como organizador estrutural da aula*, o diário *como descrição das tarefas* e o diário *como expressão das características dos alunos e dos próprios professores*. Relativamente ao primeiro tipo de diário, este remete-nos para a descrição das atividades que o educador pensa desenvolver ao longo do dia, contudo o mesmo é tido como pouco completo ao nível da informação, limitando-se apenas ao carácter organizativo e sequencial das atividades. Por sua vez, o diário *como descritor das tarefas*, conduz-nos para um diário em que surge uma descrição detalhada de todas as atividades que se vão desenvolvendo na sala. Assim, este tipo de diário será útil para proporcionar uma melhor compreensão a qualquer leitor, no sentido em que, além de incluir a descrição das atividades, tem também alguns indicativos de reflexão por parte de quem o escreveu, subentendendo-se assim o seu carácter pessoal. Por fim, o diário *como expressão das características dos alunos e dos próprios professores* assenta num extenso índice descritivo, não só relativo as crianças e as suas especificidades, mas também relativamente aos sentimentos e desempenho do educador face a determinadas situações. Posto isto, considero que os diários de bordo (ver Apêndice 2) por mim desenvolvidos não se centram apenas num dos tipos caracterizados por Zabalza (ibidem), mas sim num misto entre o segundo e o terceiro tipo (diário *como descritor das tarefas* e diário *como expressão das características dos alunos e dos próprios professores*).

2.3. Registo Fotográfico

No decurso do período de estágio, tive a oportunidade de registar os momentos em que cada uma das crianças participou na atividade de escrita, assim como no registo final da área já com os materiais colocados pelas crianças no espaço (ver apêndice 6). O registo fotográfico é importante pois desta forma pude trabalhar em casa acedendo a esses mesmos registos. Estes servem também para constatar o que foi feito, pois, “(...) embora as fotos possam não provar nada de forma conclusiva, quando usadas em conjunção com outros dados podem adicionar-se a uma pilha crescente de provas” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 189).

2.4. Pesquisa Documental

A pesquisa documental fundamenta-se na leitura de documentos de organização da instituição em que se desenrolou o estudo. Segundo Aires (2011, p. 28) estes documentos “proporcionam informação sobre as organizações” e como tal desta forma podemos entender a visão da instituição. Nesse sentido, foi importante ter acesso a documentos tais como, o Projeto Pedagógico da Instituição e o seu Regulamento Interno. Por outro lado, para uma melhor compreensão do grupo da sala de atividades 1 e da prática realizada em sala pela educadora cooperante, foi-me igualmente facultado o Projeto Curricular da sala, assim como os Portefólios das 10 crianças do grupo que participaram nas atividades propostas. Através do Projeto Curricular, pude comprovar as áreas existentes na sala, principalmente focando-me na área da expressão plástica e identificar os objetivos que estavam propostos para esta área.

APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DAS INTERVENÇÕES

1. Apresentação do Contexto

1.1. Caracterização da instituição

A investigação-ação foi realizada na Instituição A, numa IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social). Esta encontra-se no concelho de Sesimbra, na localidade de Quinta do Conde. Para um melhor conhecimento do contexto educativo foi indispensável a recolha de informações junto da equipa da instituição, assim como através da leitura e análise do Projeto Educativo da Instituição.

Esta Associação foi pensada em 2001 por um grupo de amigos e inaugurada em 16 de outubro de 2011. Tem como objetivo responder aos interesses da população que está ao seu redor, seja no campo social, cultural, ecológico e ambiental. É composta por duas salas de berçário, quatro salas de creche e uma sala de educação pré-escolar, e conta ainda com o serviço de apoio domiciliário (SAD) para idosos da comunidade. A instituição conta com um total de 153 crianças, entre as valências de creche e pré-escolar e com cerca de 27 colaboradoras, dados recolhidos em 12 de março de 2019.

A instituição tem várias parcerias com instituições locais e regionais, tais como: Câmara Municipal de Sesimbra, Junta de Freguesia da Quinta do Conde, União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social (UDIPSS), Banco Alimentar, instituições de cariz social do concelho de Sesimbra e do distrito de Setúbal, assim como manter os acordos de comparticipação financeira com a Direção Regional de Educação e Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social nas valências de Creche, Educação Pré-Escolar e Serviço de Apoio Domiciliário-SAD.

A creche da instituição é organizada de acordo com o Manual de Qualidade de Creche da Segurança Social, organizando assim a creche ao nível da candidatura, admissão e acolhimento, plano individual da criança, planeamento e acompanhamento das atividades, cuidados pessoais e a nutrição e alimentação da criança. As ferramentas utilizadas no trabalho realizado na instituição são orientadas pela Norma ISSO 9001:2015 da Gestão de Qualidade.

Em relação ao pré-escolar a atividade educativa é orientada pelos seguintes documentos: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar; Meta de Aprendizagem para a Educação PE e Lei Quadro da Educação Pré-Escolar.

A instituição abarca um documento, o Projeto Educativo da Instituição A, que esclarece os valores (solidariedade, a proximidade, a qualidade, o profissionalismo, a ética, a iniciativa, o compromisso, o humanismo e o trabalho em equipa), as metas e as estratégias que esta se propõe a cumprir. Sempre com a visão da comunidade como referência. O tema do projeto é: “Pequenos passos... Grandes Pegadas”, e pretende apoiar a ação pedagógica, referente a três anos letivos começando no ano letivo de 2017/2018 e terminando no ano letivo de 2019/2020.

1.2. O contexto de Pré-Escolar

O período de educação pré-escolar consiste na fase facultativa que antecede o início do primeiro ciclo do ensino básico, obrigatório em Portugal. Isto quer dizer que a criança antes de frequentar a escola do primeiro ciclo passa por um período no pré-escolar, sendo que este não é obrigatório e como tal os pais das crianças é que decidem se os filhos devem ou não frequentar a mesma. Estando a trabalhar na instituição desde janeiro de 2017, apercebi-me que a maioria das crianças que entra para a creche (algumas desde o berçário), continuam na instituição para a sala de pré-escolar.

Esta fase no pré-escolar é importante para a criança para que esta possa socializar com as outras crianças e ter assim noção de certos comportamentos que seriam impossíveis de conseguir estando a criança noutro contexto, por exemplo em casa com um familiar. O princípio do contexto de educação pré-escolar preconiza uma relação aberta com a família, para que conjuntamente se possa auxiliar a formação e o desenvolvimento global da criança, desde cedo procurando promover a sua participação na sociedade como um indivíduo autónomo.

Segundo as OCEPE a educação pré-escolar, está destinada às crianças entre os 3 anos e a entrada na escolaridade obrigatória, esta é considerada como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”.

Na sala de atividades 1 (onde decorreu o Projeto de Investigação), o Projeto Curricular tem como nome: “Histórias de se tirar do chapéu”. Segundo a educadora cooperante, este tema servirá para que as crianças ganhem o gosto pelos livros, pelo lúdico e pelo imaginário. Foi desenvolvido de acordo com os interesses do grupo de crianças e em torno de três histórias: A Casa da Mosca Fosca (Primeiro Trimestre), O

Ratinho Marinheiro (Segundo Trimestre) e As preocupações de Billy (Terceiro Trimestre). Apesar de estarem planificadas atividades em torno destas histórias não significa que estas sejam fixas, ou seja, consoante o interesse do grupo as mesmas podem ser alteradas. O tema do Projeto Curricular está articulado com o Plano Anual de Atividades do Pré-Escolar (ver anexo 1), para que as atividades que estão planeadas anualmente sejam adaptadas ao processo pedagógico.

De acordo com a equipa da sala e segundo a educadora cooperante os principais objetivos do Projeto Curricular são: desenvolver a curiosidade natural das crianças, incentivando à exploração e partilha de descobertas; estimular a imaginação, a criatividade, o espírito crítico e o constante questionamento do porquê das coisas; proporcionar um ambiente educativo, seguro e saudável; desenvolver a expressão e a comunicação através de formas de linguagem múltiplas, como meio de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo; incentivar à descoberta de si, do outro e do mundo que o rodeia e vivenciar experiências locais de descoberta.

Os objetivos do Projeto Curricular da sala, aparecem através de diferentes áreas de conteúdo orientados pelas OCEPE, “As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar baseiam-se nos objetivos globais pedagógicos definidos pela referida Lei e destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no pré-escolar, da responsabilidade de cada educador/a, em colaboração com a equipa educativa do estabelecimento educativo/agrupamento de escolas.” (OCEPE, 2016). Como tal o Projeto Curricular de Sala de Atividades 1, está definido em três grandes áreas.

As três Áreas de Conteúdo das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar são: Área de Formação Pessoal e Social; Área de Expressão e Comunicação e a Área do Conhecimento do Mundo.

O tema desta investigação está implícito dentro da Área da Expressão e Comunicação, com o domínio da Educação Artística, este “engloba as possibilidades de a criança utilizar diferentes manifestações artísticas para se exprimir, comunicar, representar e compreender o mundo. A especificidade de diferentes linguagens artísticas corresponde à introdução de subdomínios que incluem artes visuais, jogo dramático/teatro, música e dança.” (OCEPE, 2016, p. 6). Dentro de um dos subdomínios,

estão as artes visuais que abrangem a pintura, o desenho, a escultura, a fotografia, entre outras. Sendo estas que quero promover e incentivar junto deste grupo de crianças e explorar através da área das artes plásticas inserida na sala. Desta forma irei intervir através de uma alteração na exposição de materiais desta área, assim como na sua diversidade, procurando otimizar o espaço e funcionamento para que a criança possa explorar a sua criatividade autonomamente. Com esta alteração em relação ao espaço e aos materiais pretendo que a criança possa ter uma escolha mais ampla.

1.3. Caraterização do Grupo

O grupo da sala do pré-escolar é composto por 24 crianças, sendo 12 delas do sexo masculino e as outras 12 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos (20 com 3 anos e 4 com 4 anos). No grupo encontra-se uma criança sinalizada com NSE (Necessidades de Saúde Especiais) desde o ano letivo passado e uma que está a ser acompanhada este ano pela Equipa Local de Intervenção (ELI). Este é um grupo divertido, atento e participativo que sempre que é estimulado através de atividades propostas pela equipa da sala, demonstra gostar de realizar as atividades de artes plásticas, nomeadamente os trabalhos que incluem pintura, colagem e desenho.

Como forma de manter e preservar a identidade de cada um dos intervenientes, quer das crianças, quer dos adultos, optou-se pela não identificação dos nomes próprios dos mesmos. Assim, a identificação de cada uma das crianças surge com as letras do alfabeto, como descrito na Tabela 1. Contudo, foi dado a escolher a todas as crianças do grupo a opção por participar ou não nas atividades que lhes foram propostas. Do grupo, apenas 10 crianças demonstraram interesse e participaram nas várias atividades propostas pela estagiária e que relevam para este estudo.

Letra que identifica a Criança	Género	Idade
A	F	4
B	M	4
C	M	4

D	F	3
E	M	3
F	M	3
G	F	3
H	M	3
I	M	3
J	F	3

Tabela 1 – Identificação dos “nomes”, género e idades do grupo de crianças que participou nas atividades.

1.4. Organização e Dinâmica do Espaço

O espaço educativo tem de ser organizado em função das crianças e adequado a estas, para que possam assim desenvolver conhecimentos e experienciar vivências que as relaciona e prepara para o mundo que as rodeia. Assim sendo, o grupo está em constante mudança e a sala também, sempre de acordo com o interesse das crianças. “Assim como em muitos e outros aspectos do planeamento do ensino, também na organização do espaço é preciso que o professor(a) tenha uma atitude de observação que o mantenha informado da influência que o projeto (...) está exercendo sobre a conduta das crianças e sobre a sua aprendizagem (...)”. (Zabalza, 1998, p. 232).

Pelo que pude constatar, o espaço tem um ambiente acolhedor e alegre. A sala do pré-escolar encontra-se no 1º andar da instituição e tem acesso através de escadas (interiores e exteriores) ou do elevador. Tem uma forma retangular e contém uma boa área. É composta por duas grandes janelas, deixando assim a luz entrar pela sala e permitindo manter as luzes artificiais apagadas em grande parte do dia. Contém um ponto de água (lavatório) e junto a este estão os copos individuais de cada uma das crianças da sala, para que estas possam beber água autonomamente.

Na sala de atividades 1 (sala do pré-escolar) as áreas foram organizadas em volta da mesma, junto às paredes. São facilmente identificáveis pela organização do mobiliário e pela sinalética que consiste numa folha com imagem e o nome da respetiva área. Junto a área de grande grupo estão colares com pequenos círculos de cartão plastificado com imagens iguais às das áreas. Estes colares servem para que a criança possa escolher a área que quer explorar autonomamente, colocando o colar no seu pescoço e indo de seguida até à área respetiva. Assim, a criança pode tornar-se autónoma e explorar todos os materiais sem necessitar da constante ajuda do adulto. As áreas têm um número definido para que as crianças possam estar à vontade a explorar a mesma.

A sala está então dividida pelas seguintes áreas (ver Anexo 3):

- Área da biblioteca, um espaço que está determinado por um móvel adequado à arrumação de livros e respetivos livros;
- Área dos jogos, com uma mesa de apoio, um móvel onde estão vários jogos guardados (mas de fácil acesso);
- Área das construções, com duas caixas que contém legos (uma com legos grandes e outra com legos mais pequenos);
- Área da casinha, com brinquedos, objetos e roupas associados ao quotidiano da criança para que possam “brincar ao faz de conta”;
- Área das artes visuais, onde as crianças podem realizar diversos trabalhos de expressão plástica;
- Área de grande grupo, onde é realizado o primeiro encontro da manhã;

Materiais com que trabalham na chegada a sala e que permitem a organização do grupo dentro da mesma:

- Mapa de presenças;
- Mapa das tarefas;
- Mapa do tempo;
- Quadros com a identificação das áreas da sala (onde as crianças colocam os símbolos comprovando as suas escolhas);
- Ficheiro com os nomes de cada uma das crianças (primeiro e último nome) feito em cartão para que cada criança possa copiar o seu nome para o papel ou para os trabalhos que realizam.

- Área de quadros, onde são realizados os registos de presenças, do tempo, das tarefas e onde é registado os interesses das crianças para depois a educadora poder partir desses interesses para atividades (este espaço contém os colares das áreas);
- Área dos brinquedos, composta por mesas e cadeiras que dando apoio ao manuseamento dos brinquedos;
- Área da garagem, composta por um tapete e diversos brinquedos (carros/comboios/motas).

O grupo do pré-escolar tem ainda acesso a outras áreas durante o dia, sendo elas:

- Sala polivalente (todas as salas fazem uma vez por semana atividade física nesta, é também utilizada para a realização de festas, teatros e sessões de formação);
- Ludoteca (contém vários jogos e livros);
- Refeitório (local onde as crianças fazem as refeições – almoçar e lanchar);
- Recreio (com vários materiais para brincar e explorar – escorrega, triciclos. Tem piso é sintético, cimento e relvado);
- Horta pedagógica (espaço onde se pode cultivar alguns legumes e plantas);
- Casa de banho (a sala do pré-escolar tem uma casas de banho particular junto á sala, esta contém o material individual de cada criança para lavar os dentes).

1.5. Organização e Dinâmica do Tempo

O tempo que as crianças passam na instituição apresenta-se estruturado por atividades/ações que se repetem diariamente à mesma hora, criando assim uma rotina diária e semanal. A rotina auxilia “as crianças a responder a este tipo de questões ao oferecer-lhes uma sequência de acontecimentos que elas podem seguir e compreender. Também ajuda os adultos a organizar o seu tempo com as crianças de forma a lhes oferecer experiências de aprendizagem activas e motivadoras.” (Hohmann & Weikart, 1995, p. 224).

Esta rotina torna o dia-a-dia da criança mais tranquilo e seguro, pois esta começa a antecipar o que vai acontecer no seu dia ficando mais confiante, “através do planeamento as crianças acabam por apoiar-se nas suas próprias capacidades para fazer

escolhas e decisões, bem como as suas ideias e capacidades de controlo.”. (Hohmann & Weikart, 1995, p. 225). A rotina desenvolve-se da seguinte maneira (ver Anexo 2): das 07H30 às 09H00, acolhimento na sala polivalente, das 9H00 às 12H00, componente educativa, das 12H00 às 13H00, hora de almoço/higiene, das 13H00 às 15H00, componente educativa, das 15H30 às 16H00, lanche, das 16H00 às 18H00, atividades livres na sala ou no espaço exterior e das 18H00 às 19H00, saída das crianças na sala polivalente.

A componente educativa está planificada da seguinte forma:

- Segunda-feira – Dia das Letras;
- Terça-feira – Dia da Ginástica;
- Quarta-feira – Dia de Inglês;
- Quinta-feira – Dia das Artes;
- Sexta-feira – Dia do Projeto Curricular

1.6. Equipa Pedagógica

A equipa educativa da instituição é composta por cinco educadoras e dez auxiliares de ação educativa. Na sala de atividades 1 (a única sala de pré-escolar da instituição) a equipa pedagógica é composta por uma educadora e uma auxiliar de ação educativa.

	Creche:	Pré-Escolar:	Total:
Número de educadoras na instituição:	4	1	5
Número de auxiliares de ação educativa:	9	1	10
Número de coordenadoras:	1	1	1

Tabela 2 – Identificação do número de pessoas da equipa educativa.

A equipa da sala de pré-escolar mostrou-se sempre disponível para me auxiliar e explicar o funcionamento da sala e do grupo. A educadora cooperante aceitou que eu

realizasse as atividades, incluindo assim as mesmas na rotina do grupo. Esta foi acessível e partilhou os documentos referentes ao grupo e à Sala de atividades 1. Este relacionamento positivo e esta partilha, fez com que eu tivesse liberdade para me encaixar, não só na equipa como também no grupo de crianças e pôr em prática a observação e posteriormente a realização das atividades.

Segundo uma conversa formal com a equipa pedagógica da sala, constatei que a mesma defende que educar passa por proporcionar uma aprendizagem através da descoberta, em que as crianças aprendam através das suas próprias experimentações.

A equipa pedagógica da sala é constituída pela educadora cooperante, que exerce esta função há 10 anos e está na instituição há 4, e por uma auxiliar de ação educativa que está na instituição desde que esta inaugurou. A equipa reúne-se várias vezes por semana para discutir e resolver os dilemas que encontram na sala, assim como também existem reuniões mensais de auxiliares (com todas as auxiliares educativas da instituição) e reuniões mensais de educadoras (com todas as educadoras da instituição) para que possam refletir sobre vários assuntos, tendo várias visões. “Quando os adultos trabalham em conjunto para estabelecer e manter contextos de aprendizagem activa para as crianças, os efeitos são inúmeros. Ao colaborarem, os elementos da equipa obtêm reconhecimento, um sentido de trabalho bem-sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante. Acabam por valorizar o facto de terem colegas com objetivos curriculares semelhantes com quem possam conversar e resolver problemas.” (Hohmann & Weikart, 1995, p.131).

2. Intervenções

Primeiramente elaborei uma planificação da atividade que ia ser realizada para ser mais fácil orientar-me e seguir a mesma (ver apêndice 1). A intervenção começou com a proposta de visualização de um documento em formato Microsoft PowerPoint (ver apêndice 3), na sala polivalente da instituição. Este foi visualizado pelo grupo das crianças da sala de pré-escolar, assim como pela equipa pedagógica da mesma. O documento foi projetado numa tela em branco que estava na parede da sala e o grupo sentou-se no chão, em almofadas previamente colocadas por mim no chão em forma de V, para que todos conseguissem ver sem terem que estar sentados uns atrás dos outros. A equipa da sala

ficou no chão junto ao grupo e eu fiquei em pé, em frente à tela, de forma a poder apontar para certos pormenores das imagens que tinha interesse em destacar.

O documento começa com uma breve apresentação do artista Joan Miró, seguidamente mostra várias imagens das suas obras de arte, não só as pinturas, como também algumas das suas esculturas, depois das suas obras de arte passa para imagens do seu ateliê e, finalmente, para imagens de áreas de expressão plástica em diferentes salas de educação pré-escolar. Com estas últimas imagens pretendia-se que o grupo pudesse observar a forma como estavam organizados os materiais nas áreas de outras salas que não conheciam.

Durante a projeção, o grupo observou as primeiras imagens, a fotografia do artista e o seu autorretrato e tentaram identificar as semelhanças entre a fotografia e a pintura do artista, embora o grupo na sua maioria não tenha encontrado muitas semelhanças. Foi explicado o que era um autorretrato, ou seja, que era uma pintura/desenho que os artistas/pintores faziam deles próprios (embora não soubessem o significado, não mostraram interesse em saber o que era, mas considerei importante desmistificar a palavra). Depois passamos para as imagens das obras de arte do artista Joan Miró. Quanto às imagens de pinturas, o grupo achou as obras alegres e muito coloridas e algumas crianças foram, com o incentivo dos adultos, até junto da tela apontar para o que estavam a ver e fizeram a sua descrição. A equipa da sala até perguntou ao grupo se algumas das obras não pareciam ser feitas por crianças, ao qual duas das crianças responderam que sim, argumentando que algumas das obras pareciam feitas por “bebés”. Depois, passamos para as imagens das esculturas que por sua vez mostravam semelhanças com as pinturas, sendo que algumas tinham apenas uma cor, e que foram notadas por algumas crianças do grupo. Durante a sucessão das imagens, fui dizendo o nome das obras e identificando elementos que se conseguiam perceber/compreender nas mesmas (cores, elementos, objetos e sentimentos).

Seguidamente, passaram para as imagens do ateliê do artista onde o grupo pode verificar que o autor tinha muitos “quadros” (telas pintadas) no espaço. Com a minha ajuda conseguimos perceber também que nem todas as telas tinham o mesmo tamanho e que algumas delas eram muito grandes, outras nem tanto. Constatamos então que as telas grandes deviam levar muito tempo a pintar.

No final, vimos as imagens de áreas de artes plásticas de salas de pré-escolar. Observamos então como estas áreas estavam (muito bem) organizadas, pois continham muitos materiais diferentes, com fácil acesso aos mesmos e os recipientes que continham os materiais tinham as imagens do material que continham dentro e outros tinham o nome escrito para que fosse mais fácil identificar o que continham e também para que começassem a associar as letras do nome ao material.

Após esta visualização, fomos até a sala do grupo e este sentou-se junto à área de expressão plástica. Comecei por dizer para olharem para a área e depois com o meu incentivo e o da equipa da sala, algumas das crianças conseguiram comparar e analisar o que tinham visto nas imagens das áreas das salas de pré-escolar com a área da sua sala. Então, em grupo, verificamos que a área da sala não estava muito bem definida, não tinha materiais variados e também não tinha um fácil acesso para as crianças. Verificamos que algumas não chegavam aos materiais que estavam expostos, principalmente os que estavam dispostos mais para trás na bancada e desta forma as crianças não se podiam tornar autónomas e utilizar as materiais sem a ajuda do adulto, teriam sempre que ter esse auxílio.

Finalmente, chegamos a um acordo de que poderíamos melhorar a área da expressão plástica na sala, colocando mais materiais e tornando-os mais acessíveis. Como tal, propus realizar uma atividade que consistia em marcar os materiais com etiquetas com o nome do mesmo (lápiz, canetas, tintas, etc.) e organizá-lo de forma a torná-los mais fácil de aceder. Perguntei quem queria participar e dez crianças quiseram. As restantes foram explorar outras áreas da sala.

Começamos então por retirar todos os materiais da área, assim como os que estavam sem acesso dentro de uma estante fechada e dividimo-los, organizando-os por categorias (lápiz de cor, canetas de feltro, lápis de cera, lápis de carvão, borrachas, colas de stick e de bisnaga, afixos, tesouras, pinceis, folhas brancas, folhas de cor, material de desgaste (tecidos, revistas, pedaços de papel e outros materiais). Depois de ver todos os materiais escrevi o nome dos mesmos e imprimi. De seguida, dividi os nomes pelas crianças e estas reescreveram o nome dos materiais, copiando dos que eu tinha feito no computador (ver apêndice 6). Foi notório o entusiasmo das crianças ao realizarem a atividade, sabendo que estavam a participar na alteração da área da sala e que estavam a melhorá-la para que depois a pudessem utilizar.

Depois de tudo dividido, escrito e organizado decidimos colocar as etiquetas com os nomes dos diferentes materiais em recipientes, quer o que imprimir quer o escrito pelas crianças. Desta forma o adulto deu um papel de responsabilidade à criança. Assim, ao sentir-se útil, a criança demonstrará mais interesse em utilizar o espaço, pois foi ela que ajudou a construir/melhorar. Colocamos, depois, os materiais nos locais adequados, para que as crianças tivessem fácil acesso (ver apêndice 7).

No dia seguinte, o grupo foi convidado a explorar um livro sobre o artista Joan Miró (ver apêndice 4) para relembrar e observar outras obras do autor. Uma que já tinham visualizado e que lhes chamou a atenção foi o seu autorretrato. Então, em conjunto, decidimos que íamos realizar os nossos autorretratos. E, desta forma, “estrear” a nova área da expressão plástica. O grupo decidiu que os autorretratos iam ser realizados com tintas e pincéis. É importante que a criança possa fazer uma análise de uma obra de arte, a “familiaridade com a obra de arte e as experimentações plásticas facilitam o desenvolvimento de atitudes analíticas. À medida que a criança conhece as diferenças e observa os pormenores das obras, discrimina estímulos variados, associa ideias e ensaia respostas. Este processo possibilita a fluidez do pensamento, exercita a sensibilidade estética e desperta a vontade de comunicar expressivamente no âmbito das artes plásticas.” (Gonçalves & Fróis & Marques, 2002, p. 16).

Cada criança realizou um autorretrato, desenhando/pintando a sua imagem com o auxílio de um espelho. Iam observando as suas características no espelho e descrevendo-me o que viam ao mesmo tempo que pintavam o autorretrato. Foi muito curioso observar o trabalho de algumas das meninas, que desenhavam os acessórios que tinham no cabelo e até mesmo as tranças. Todas as 10 crianças, usaram várias cores para se representar, sem uma analogia obrigatória ao real (por exemplo nariz azul e olhos laranja). Apenas uma das crianças se representou com uma única cor.

Nesta atividade de pintura de autorretrato foi visível a interação da criança com o espaço e os materiais da “nova” área da expressão plástica da sala. As crianças mostraram-se entusiasmadas e muito à vontade a manusear os materiais da área. Estas conseguiram aceder facilmente aos materiais que queriam utilizar (folhas, pincéis e tintas).

Para esta atividade, o grupo foi, dividido em dois grupos mais pequenos, um de cinco elementos e outro de quatro (umas das crianças que tinha participado no dia anterior faltou nesse dia). O primeiro grupo recolheu o material e sentou-se a pintar com o auxílio de pequenos espelhos. Quando acabaram, colocamos os trabalhos a secar e foi o segundo grupo realizar a mesma tarefa. No final de todos terem realizado a atividades, foram lavar os pinceis (com o meu auxílio, pois o lavatório é um pouco alto) e arrumar os materiais nos locais adequados.

No dia seguinte, colocamos os autorretratos no mural, existente numa das paredes da sala, para que os colegas e as famílias os pudessem ver. As paredes da sala servem como “expositores permanentes das produções das crianças onde rotativamente se reveem nas suas obras de desenho, pintura, tapeçaria ou texto.” (Niza, 2013, p. 151).

Com os seus autorretratos colocados na parede aproveitamos para fazer um jogo com as restantes crianças da sala que não participaram na atividade. Este consistiu em adivinhar quem estava representado em cada pintura. Com a minha ajuda fomos identificando algumas das crianças através da representação de pormenores que identificavam o seu autor, como por exemplo terem pintado os penteados que costumam usar e os seus acessórios (tranças, “totós”, ganchos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, reflito sobre a minha passagem pelo estágio de investigação na sala de educação pré-escolar (sala de atividades 1) da Instituição A. Neste, irei analisar as dificuldades que senti na realização das atividades desenvolvidas, assim como as opções que tomei para ultrapassá-las, muitas vezes com o apoio da equipa pedagógica da sala. De acordo com Portugal (2002, citada por Matias & Vasconcelos, 2010, p. 20), o “tipo de comunicação que acontece no seio de uma relação de supervisão parece ser o elemento que contribui na maioria das vezes para o sucesso da formação. Uma comunicação clara, aberta, baseada em expectativas positivas, respeito e confiança, flui livremente em ambas as direcções. Este tipo de comunicação pode ser visto como um modelo para a comunicação entre profissionais de educação, a todos os níveis, entre profissionais de educação e pais, entre profissionais de educação e crianças, ao permitir o estabelecimento de uma base de confiança.”.

A equipa mostrou sempre estar disponível para me apoiar e ajudar durante a minha intervenção, assim como inicialmente enquanto estava apenas a observar e a tirar notas sobre o grupo e a sala. Antes de poder realizar as atividades foi importante poder realizar essas observações sobre o trabalho da educadora, pois desta forma consegui também observar a reação das crianças em relação a certas intervenções e prever como estas iriam reagir a determinadas situações ou estímulos.

Em relação ao local em que estagiei e ao grupo de crianças com que interagi, penso que foi positivo. O facto de já conhecer o local, pois trabalho no mesmo, e conhecer também a maioria das crianças do grupo (embora nunca tenha estado a trabalhar no pré-escolar tive contacto com a maioria das crianças quando estas passaram pela creche), colocou-me mais à vontade para comunicar com o grupo, assim como eles comigo.

Sendo o tema do projeto de intervenção sobre as artes-plásticas no contexto de sala de pré-escolar, a primeira observação que fiz assim que entrei na sala, foi logo procurar a área da expressão plástica, e ver como era a relação/interação das crianças com essa mesma área e com os seus materiais.

Nos primeiros dias apenas observei o grupo a interagir no seu meio habitual. Assim sendo, pude constatar que na sua maioria, o grupo optou por explorar as outras áreas da sala (principalmente a área da casinha e a área das construções) e muito poucas exploram a área da expressão plástica. Durante o período de observação, que durou 2

semanas e meia (mais ou menos com a duração de 5/6 horas por dia), verifiquei que sem intermediação da equipa da sala, na realização de alguma atividade em que tivessem que utilizar a mesma (e mesmo assim era o adulto que tirava o material que ia ser usado na atividade e o preparava para a criança o utilizar) apenas três crianças exploraram a área de livre vontade.

Enquanto futura educadora, sinto que a área da expressão plástica é muito importante na primeira infância e que essa interação, frequente, teria que ser mais estimulada. Como tal, vi que podia estimular as crianças a alterar e melhorar a sua área da expressão plástica para que tivessem um maior interesse em trabalhar e explorar a mesma. Desta forma, pretendi desenvolver na criança a autonomia, para que possa utilizar a área sozinho sem ter que pedir o auxílio do adulto, tal como faz nas outras áreas da sala (casinha, jogos, construções). Os educadores devem manter e despertar “a autonomização e responsabilização de cada educando no grupo de educação cooperada.” (Niza, 2013, p. 158).

Quando propus a intervenção, esperava que o grupo estivesse todo preparado para participar e quando isso não aconteceu, encontrei logo o primeiro obstáculo, imaginando que a atividade não iria funcionar (apenas 10 crianças quiseram realizar a atividade, ver apêndice 2). Desta forma desmotivei um pouco, mas logo esse sentimento se alterou assim que vi o entusiasmo dos que quiseram participar. Com isso, percebi que nem sempre todos têm que estar a fazer o mesmo, que devem ter essa opção de escolha e que é importante para a criança saber o que quer ou não fazer e é também importante o adulto saber respeitar essas opções, pois cada criança é única e tem os seus interesses. Como futura educadora, foi importante perceber que nem sempre tudo corre como esperado e temos que saber adaptarmo-nos ao momento. Neste caso, as crianças que quiseram participar ficaram comigo e as restantes foram explorar as outras áreas da sala com a supervisão da equipa pedagógica.

Com este estudo, pretendi, numa primeira fase observar e analisar a relação entre os comportamentos das crianças e a forma como os equipamentos e materiais estavam organizados na área da expressão plástica. Foi importante a observação durante as primeiras semanas pois desta forma permitiu-me ver as crianças a agirem naturalmente dentro da sala e a usufruírem das áreas livremente, sem que tivessem a interferência do adulto. Foi no tempo da brincadeira livre, em que a criança pode escolher para que área

quer ir brincar/explorar que me apercebi que a área da expressão plástica não era a mais frequentada, aliás era das menos frequentadas. Para poder ter uma melhor perceção fui registando no diário de bordo (notas de campo) uma espécie de tabela para poder ter uma melhor perceção do número de crianças que exploravam as áreas, principalmente a área da expressão plástica (ver apêndice 2). Desta forma foi-me mais fácil poder trabalhar em casa através desses registos, e estes tornam-se também importantes na medida em que me ajudam a constatar e a afirmar o que fui observando durante o estágio. Nesse processo, constatei que existia uma “falha” em relação aos materiais e à sua colocação na área da expressão plástica dentro da sala, o que fazia com que o grupo não pudesse ter acesso aos materiais sem ter o auxílio do adulto, pois existiam poucos nesta área e a sua maioria estava guardada num armário ao qual as crianças não tinham acesso.

De acordo com a entrevista que realizei à educadora cooperante (ver apêndice 5), a mesma vai de encontro às minhas ideias no ponto em que defende que se existissem mais materiais e estes pudessem estar ao nível das crianças, estas poderiam se interessar mais na área de expressão plástica. A educadora cooperante defende que a variedade de materiais daria mais curiosidade às crianças, assim como a sua disposição, para proporcionar uma autonomia à criança. Mas o que é facto é que existem mais materiais (embora continuem a ser poucos) dos que estão expostos e as crianças não têm acesso aos mesmos. Na minha opinião para um futuro enquanto educadora, será que no caso da instituição não conseguir fornecer vários materiais (o que por vezes acaba por acontecer) poder pedir aos pais algum tipo de material, nem que seja material que pode ser reciclado e até interagir com a sociedade envolvente e ver o que podem oferecer ou doar para a instituição. Por vezes os hipermercados têm caixas de papelão que vão deitar fora e que podemos aproveitar para trabalhar com as crianças.

Desta forma, quis demonstrar o que me parecia menos bem neste campo da sala de pré-escolar, apresentando exemplos e dando a conhecer outras formas de organizar e dinamizar o espaço da área de expressão plástica com o que “tínhamos à mão” ou seja, com os poucos materiais (mas utilizando os que estavam guardados no armário fechado) e o único móvel em que a criança podia ter acesso, colocando os materiais de maneira a que as crianças conseguissem alcançar com as mãos.

Com a apresentação e observação do documento em PowerPoint o grupo teve acesso a fotografias de outras salas de pré-escolar, mais propriamente a áreas de expressão

plástica. Desta forma pudemos, em grupo ver as semelhanças e as diferenças que existiam entre as áreas apresentadas nas imagens e a área da sala. Verificamos que os espaços em si, não eram maiores do que o que tínhamos na sala, mas estavam sim mais organizados (continham imagens e o nome dos materiais que estavam dentro dos recipientes). Ficou desta forma decidido que o grupo iria modificar a sua área de expressão plástica para que esta ficasse mais bonita à vista e acima de tudo se tornasse mais acessível as crianças fomentando a sua autonomia.

Relativamente à parte da implementação, houve dois momentos de relevo. O primeiro em que, com as crianças, foi alterado o espaço da área da expressão plástica. Cada criança teve oportunidade de escrever pelo menos um nome de material, para depois ser colocado no recipiente do mesmo, depois de organizados os materiais dentro dos recipientes com os respetivos nomes, foram colocados na área da expressão plástica. Desta forma permitiu com que a criança tivesse um melhor acesso aos materiais, tornando-se autónoma na maneira como utiliza os materiais da mesma. E de certa forma como foi ela que alterou a área e a organizou, tende a manter a mesma arrumada, pois traz-lhe um sentido de responsabilidade pela mesma (não “destruir” o que “construiu”). O segundo momento, foi o teste prático do funcionamento desse espaço renovado, com a atividade de pintura, o Autorretrato, de cada uma das crianças que participou na alteração do espaço. O grupo foi dividido em dois para ser mais fácil para mim poder observar e interagir com estes na realização do seu autorretrato. As crianças escolheram as tintas e pinceis para realizarem o seu trabalho e com a ajuda de um espelho iam vendo a sua imagem e desenhando a mesma. No final todos ajudaram a lavar e guardar os materiais na área da expressão plástica. Pude observar que foi fácil as crianças guardarem os materiais nos respetivos lugares, pois estão arrumados de fácil acesso e adequados a altura das crianças, assim como pude constatar o seu entusiasmo ao irem eles próprios escolher e recolher os materiais que iam ser utilizados na atividade.

Foi importante para mim intervir e verificar que existiu diferença, pois a partir desse dia pude observar que as crianças conseguiam ter acesso aos materiais, e observei também mais que uma vez as crianças a explorarem os diferentes materiais que nela estavam expostos. Desta forma verifiquei que a minha intervenção fez a diferença, ou seja, o número de crianças que começaram a explorar a área da expressão plástica aumentou, como pude constatar nos últimos dias em que permaneci na sala (ver apêndice 2). Esta era a minha intenção, desenvolver o interesse pela expressão plástica através do

manuseamento autónomo e diversificado dos materiais da área de expressão plástica. E é deste modo, interativo e de partilha com as crianças que um dia mais tarde como futura educadora pretendo desenvolver na minha sala. Começando assim o início do ano letivo a preparar a sala juntamente com o grupo de crianças da mesma, iremos discutir, “montar” e estruturar as áreas da sala para que estas sejam de fácil acesso e desenvolvam a sua autonomia, podendo sempre ser alteradas e até acrescentar outras áreas consoante o interesse do grupo se vá desenvolvendo.

Consciente que um estudo de caso “(...) é uma oportunidade de ver o que os outros ainda não viram, de refletir sobre a singularidade das nossas próprias vidas (...)” (Stake, 2016), este não será um olhar transferível a todos os outros contextos semelhantes, no caso, a outras salas de educação pré-escolar. Como tal, não posso constatar que as mesmas problemáticas e formas de resolução acontecem em outras, mas apenas concluir desta minha intervenção, com base no que pude observar e registar.

BIBLIOGRAFIA

- Aires, L. (2011). Paradigma Qualitativo e Práticas de investigação educacional. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bell, J. (1997). Como Realizar um Projecto de Investigação. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora.
- Gonçalves, E. (1976). A Pintura das Crianças e nós. Porto: Porto Editora.
- Gonçalves, R.M., Marques, E. & Fróis, J.P. (2002). Primeiro Olhar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guedes, I. (2011). Funções da Educadora Cooperante no Processo de Supervisão da Prática Pedagógica. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Educação de Lisboa
- Hanauer, F. (2011). Riscos e Rabiscos – O Desenho na Educação Infantil. Revista de Educação do IDEAU. Vol.6. N.º 13.
- Hernando, C. & Ferreira, M. M. (1998). Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2004). Educar a Criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lowenfeld, V. (1977). A Criança e a sua Arte. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Matias, G. & Vasconcelos, T. (2010). Aprender a ser educador de infância: o processo de supervisão na formação inicial. Da investigação às práticas - estudos de natureza educacional, X(1), 17-41.

Máximo-Esteves, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-Acção. Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação (2010). Metas de Aprendizagem da Educação Pré-Escolar. Direcção-Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular.

Ministério da Educação (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Departamento da Educação Básica. Núcleo da Educação Pré-Escolar.

Moreira, M.A. (2001). A investigação-acção na formação reflexiva do professor-estagiário de Inglês. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Moura, M. (2009). Organização do espaço: contribuições para uma educação infantil de qualidade. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação.

Read, H. (2001). Educação pela Arte. Edições 70.

Sarmiento, T., Ferreira, F.I. e, Madeira, R. (2017). Brincar e Aprender na Infância. Porto: Porto Editora

Sousa, A. B. (2003). Educação pela Arte e Artes na educação, 1º volume – Bases Psicopedagógicas. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. B. (2003). Educação pela Arte e Artes na Educação, 3º volume – Música e Artes Plásticas. Lisboa: Instituto Piaget.

Spodek, B. (2002). Manual de Investigação em Educação de Infância. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Stake, R.E. (2016). A Arte da Investigação com Estudos de Caso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Telmo, I. C. (2006). Linguagem Gráfica Infantil. Setúbal: Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Setúbal.

Vasconcelos, T.M.S. (1997). Ao Redor da Mesa Grande: Prática Educativa da Ana. Porto: Porto Editora.

Vygotsky, L.S. (1987). Pensamento e Linguagem. São Paulo

Zabalza, M. (1998). Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed.

Documentos da Instituição Educativa

Projeto Educativo da Instituição A (2017)

Projeto Pedagógico da sala do Pré-Escolar (2018/2019)

Plano de Atividades do Pré-Escolar (2018/2019)

Referências Bibliográficas segundo as normas da APA.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Planificação

Atividade(s)	Objetivos(s)	Desenvolvimento das Atividade(s)	Recurso(s)
<ul style="list-style-type: none"> • Visualização de um documento em PowerPoint com imagens das obras do Joan Miró, do seu ateliê e de áreas de expressão plástica de outras salas de pré-escolar. • Modificação da área da expressão plástica (colocação de mais materiais, organização e etiquetagem como o nome dos mesmos nos respetivos recipientes. • Visualização do livro sobre o Joan Miró. • Realização de uma “obra de arte” com acesso aos materiais da área da expressão plástica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Adquirir conhecimentos sobre o artista Joan Miró. • Proporcionar momentos agradáveis de partilha e desenvolvimento em grande grupo. • Estimular a criatividade. • Desenvolver o sentido de autonomia. • Promover o gosto pela expressão plástica. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentados em grande grupo observar e intervir com as imagens do documento que vai ser exposto em PowerPoint. • Propor a intervenção na área da expressão plástica e efetuar a mesma através da sua organização (novos recipientes, colocação de materiais mais variados, colocar ao acesso da criança). • Ver o livro sobre o mesmo artista e ver qual a obra que chama mais a atenção da criança. • Realizar um trabalho, utilizando a nova área da expressão plástica. 	<ul style="list-style-type: none"> • <u>Materiais</u>: Livro; retroprojektor; canetas; material de desgaste, Computador. • <u>Humanos</u>: Educadora; Auxiliar; estagiária. • <u>Logísticos</u>: Sala de atividades 1 e sala polivalente.

Apêndice 2 – Notas de Campo (Diário de Bordo)

• Exercice de suite de Pólya-Frobenius (alternance)
20/01/19

Alguns: Curinha 4 (foi escrito em grande grupo o que x
 • garagem 3 pole figure, regras decoradas
 • brinquedos 4 em grande grupo)
 • arteiros visuais 4
 • um dos cachorros 3
 • biblioteca 3
 • fogos 4

Este área tem um colar associado a esse mesmo área (aº de cada área disponível),
registo no quadro das áreas (depois da noite e' feito
em reuniões placentarem muito extensas) pl no dia seguinte
se verifica se estivesse muito tempo na mesma área.

d'un bibliothécaire (c'est public et une tâche complexe
que consiste à fig. ex. que est un livre plus un
jeu de amener.

25 crinices un solo

12 versions

وحيات من 13

3 axes
6 axes

→ Casimbe

capita, esto el boca, una boca, boca, como
boca, esto dos medidos, negados, un, este
clonados, abogues, buldo, leones e hunchaleto
gracia

Dragon

casos, mud, pista de cancheros, banco
o bilardo

→ bilagado

bonnets d'oreilles, lunettes, peignoir de toilette, casaca de brisa, (poussoirs)

\Rightarrow plus

lapis, lapis lazuli, esmeraldas, lapis de corno, tesos, abo
plata, bollos blancos y de con Ag, nervios, skel,
material de despiece.

=> Contatos

lejos (grandes e pequenos)

=> biblioteca

lejos

=> jogos

puzzles, jogos de encaixe, damas, computador

2ª fase -> ~~trabalho~~ ~~projeto~~ ~~matéria~~

3ª fase -> ginástica

4ª fase -> regras

5ª fase -> trabalho e/ou livro E/R (4 anos)

6ª fase -> projeto científico de sala - pedagógico

=> área grande grupo (loja de cultura)

- tempo

- presença

- tempo

- o que dizem no dia anterior e o que se faz

- é definido pelo seu grande grupo (sua atividade)

observações Sala pré

→ Jogo (habilidades)

→ Demonstrações da cidade de Londres pelo Putícia

O grupo demonstra muito interesse e é muito curioso

no final ^{do tempo} ~~revelar~~ o que tudo passou

- cantaram uma canção em inglês

- a Putícia trouxe uma parte (repre) que
tinha espontaneamente de um de perto

o André Rê reuniu com eles em grande grupo para
depois discutir o que vão realizar / trabalhar!

o Depois na sala discutiram o que queriam fazer
(alimento, bebida, taxi, parte, putícia, big ben e reule)

P. taxi (alguns dificuldades na realização do mapa)

S. - parte (colheu muito p. o desenho p. o representante) p. menores

S. - parte (baixa representação de estado)

Uma parte (conceito p. o eixo de estado de parte p. o)

Foris - parte (de se o ambiente) conceito p. o risco.

Gabriel - (baixa representação de parte)

2ª Semana					
	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
área do casimbe	 (6)	 (8)	 (4)	 (5)	 (4)
área de garagem	 (4)	 (4)	 (4)	 (4)	 (4)
área dos jogos	 (2)	 (3)	 (3)	 (2)	 (3)
área da biblioteca	 (1)	 (2)	 (2)	 (2)	 (2)
área dos bustancos	 (6)	 (4)	 (6)	 (6)	 (6)
área dos olhos visuais	(0)	(0)	(2)	(2)	(2)
área dos biquinhos	 (2)	 (3)	 (2)	 (1)	 (1)

4 a 8 de Fevereiro

Ma 15 de Fev

3ª Reunião

	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
Área de Lazer				Z	
Área de Gestão					
Área de Jogos					
Área de Biblioteca					
Área de Conteúdo					
Área de Atividades					
Área de Biblioteca					

B-on

Área
Biblioteca
usar

Grupo de crianças que vai participar no trabalho
depois de visualização do protótipo.

(10)

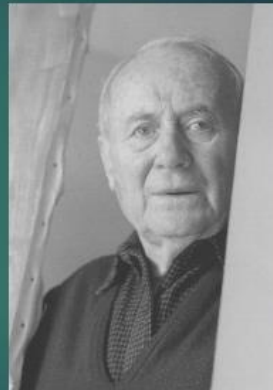
Grupo A - nome - 4 anos
B - nome - 4
C - " - 4
D - nome - 3
E - nome - 3
F - " - 3
G - nome - 3
H - nome - 3
I - nome - 3
J - nome - 3

- dizer que esboçam o que querem
escrever através dos pontos de
reflexão com os nomes dos
vehículos

Mass de Plano (última semana)				59	69
	29	39	49		
área de casule	+++ (5)	+++ (4)	+++ (7)		
área do garagem	 (5)	 (3)	 (4)		
área dos jogos	 (1)	 (2)	 (3)		
área de biblioteca	 (2)	 (1)	 (6)		
área dos computadores	 (4)	+++ (5)	+++ (6)		
área dos sites virtuais	+++ (6)	 (4)	 (4)		
área dos brinquedos	 (2)	 (1)	 (2)		

Joan Miró

Joan Miró (1893-1983)
nasceu em
Barcelona, na
Espanha, no dia 20
de abril. Foi um
importante pintor,
gravador, escultor e
ceramista.



Pintura:

Autorretrato



Pinturas:

Dançarina



Jardim



Pintura:

Cifras e constelações dentro de o amor com uma mulher



Pinturas:



Esculturas:



Esculturas:



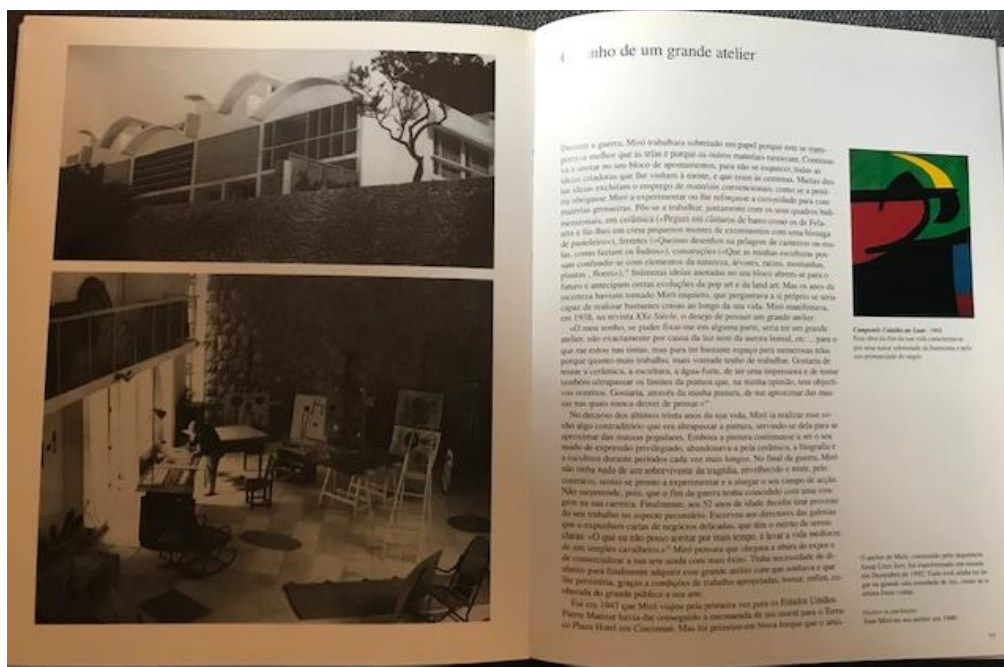
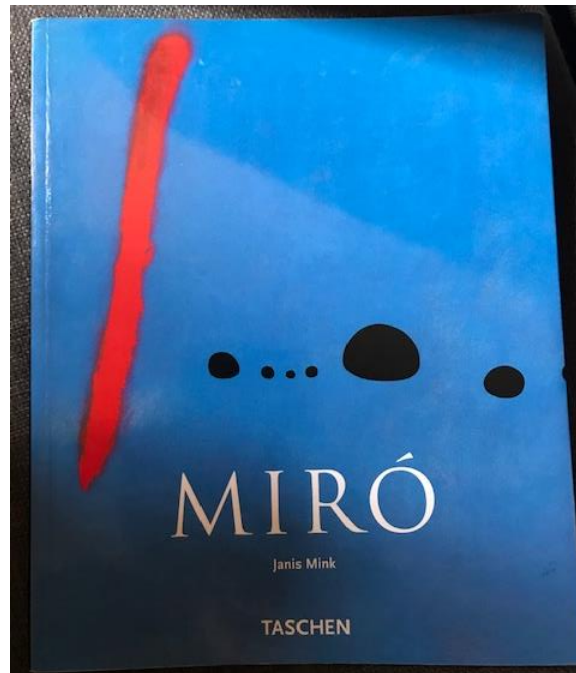
Ateliê:



Áreas de expressão plástica



Apêndice 4 – Imagens do livro sobre Joan Miró



Apêndice 5 - Entrevista a educadora cooperante

Pergunta: O que significa para a si a relação entre as crianças e a expressão plástica?

Resposta: O que eu entendo sobre este tema é que a expressão plástica permite à criança expressar-se livremente, possibilita desenvolver a sua criatividade e adquirir competências de motricidade fina. A criança cria de imediato uma relação com esta área de conteúdo, uma vez que desta forma se sente livre para criar e expressar com os mais diversos materiais e formas.

Pergunta: Como pensa ser a melhor forma de desenvolver o interesse pela expressão plástica?

Resposta: para desenvolver o interesse na expressão plástica há que ter uma área bem organizada, uma grande variedade de materiais e a autonomia da criança na exploração da área, estes são todos os fatores de interesse e motivação para a criança.

Pergunta: Como promover o desenvolvimento das artes plásticas nas crianças?

Resposta: Existem muitas atividades lúdicas para desenvolver as artes plásticas. Podemos começar por uma história e daí proporcionar diferentes atividades ou até mesmo através de pintores e artistas plásticos, promovendo assim a exploração de diferentes materiais e a criação artística.

Pergunta: De que forma a expressão plástica faz parte desta sala?

Resposta: A expressão plástica faz parte da sala diariamente através de atividades propostas por mim. Temos alguns materiais que estão ao alcance das crianças. Esta é uma área que as crianças poderiam frequentar diariamente e demonstrar mais interesse caso existissem mais materiais e que estes pudessem todos estar ao nível das crianças.

Apêndice 6 - Fotografias da atividade

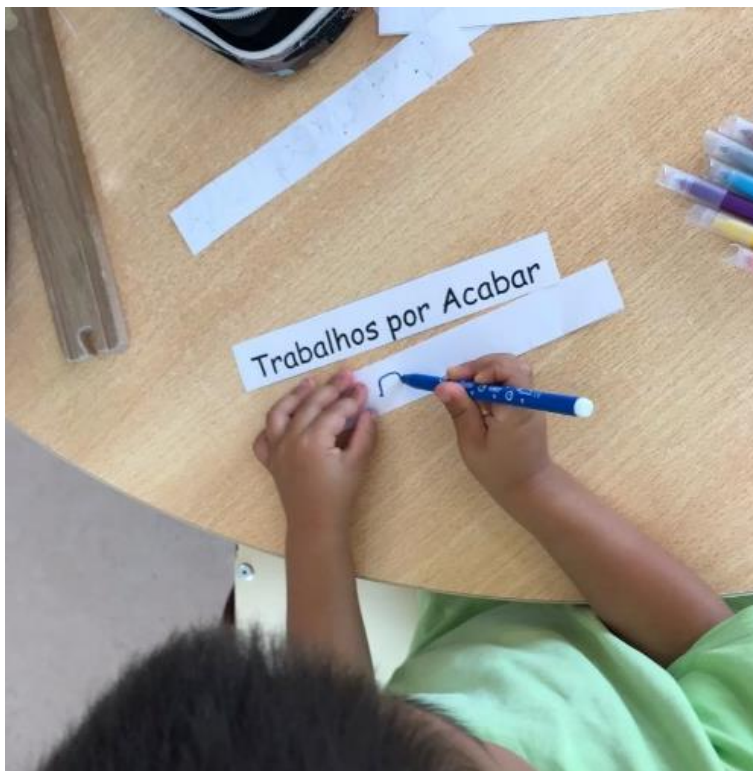


Imagem 1 – Criança A, a escrever para a área da expressão plástica.

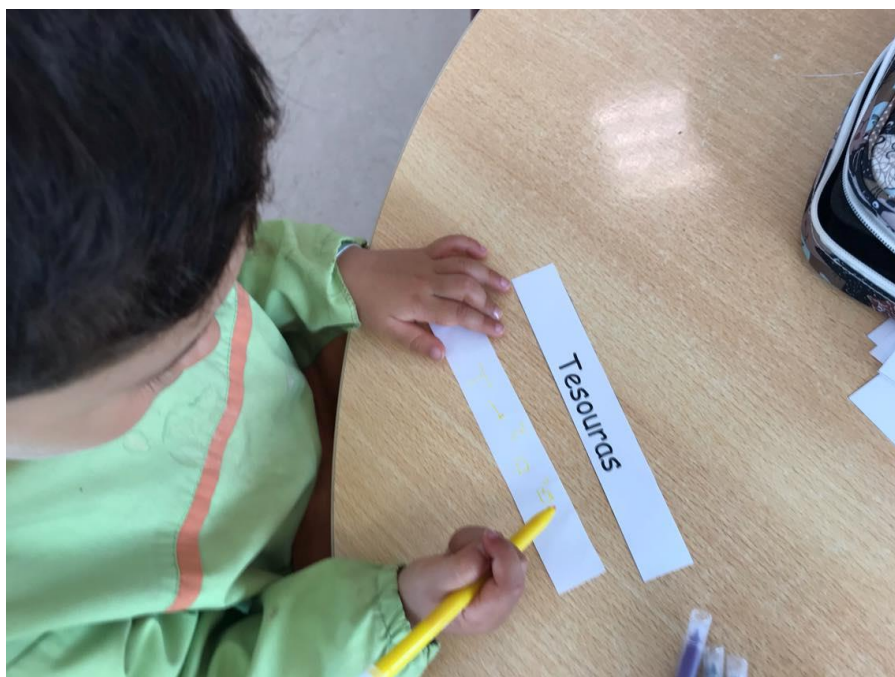


Imagem 2 – Criança B, a escrever para a área da expressão plástica.



Imagem 3 – Criança C, a escrever para a área da expressão plástica.

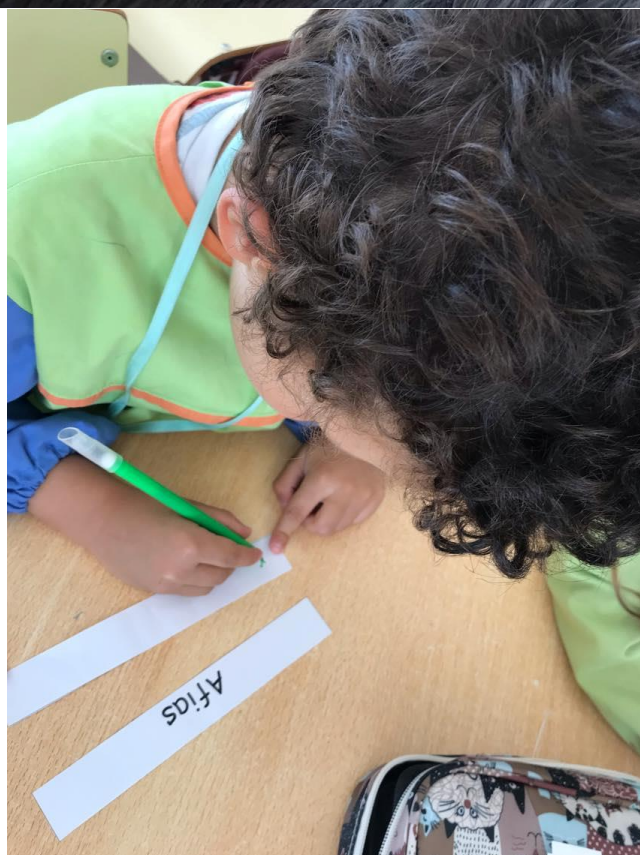


Imagem 4 – Criança D, a escrever para a área da expressão plástica.

mnnn



Imagem 5 – Criança E, a escrever para a área da expressão plástica.

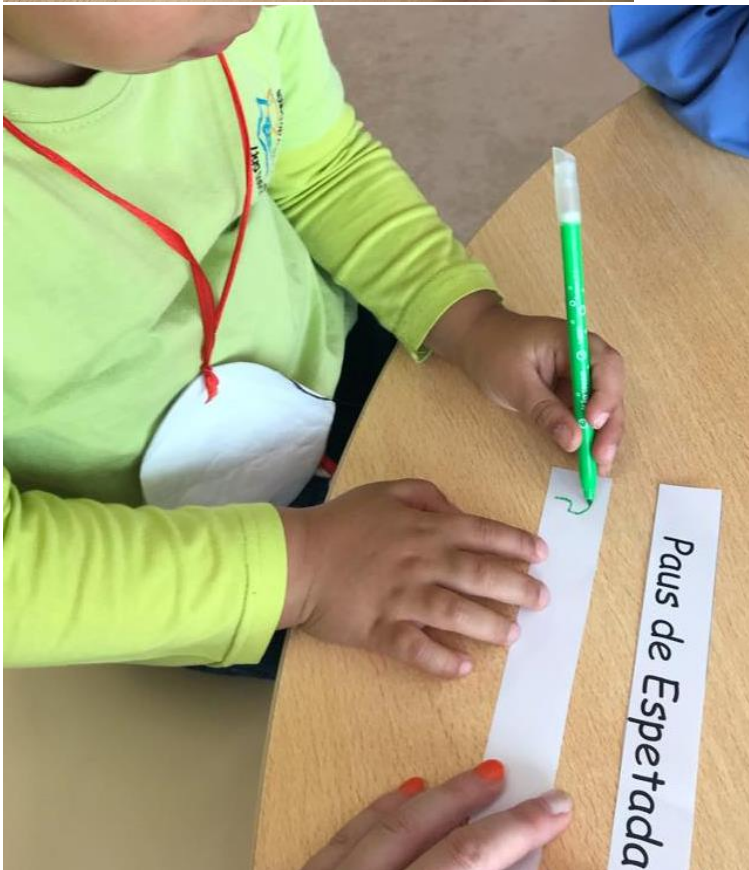


Imagem 6 – Criança E, a escrever para a área da expressão plástica.



Imagem 7 – Criança G, a escrever para a área da expressão plástica.

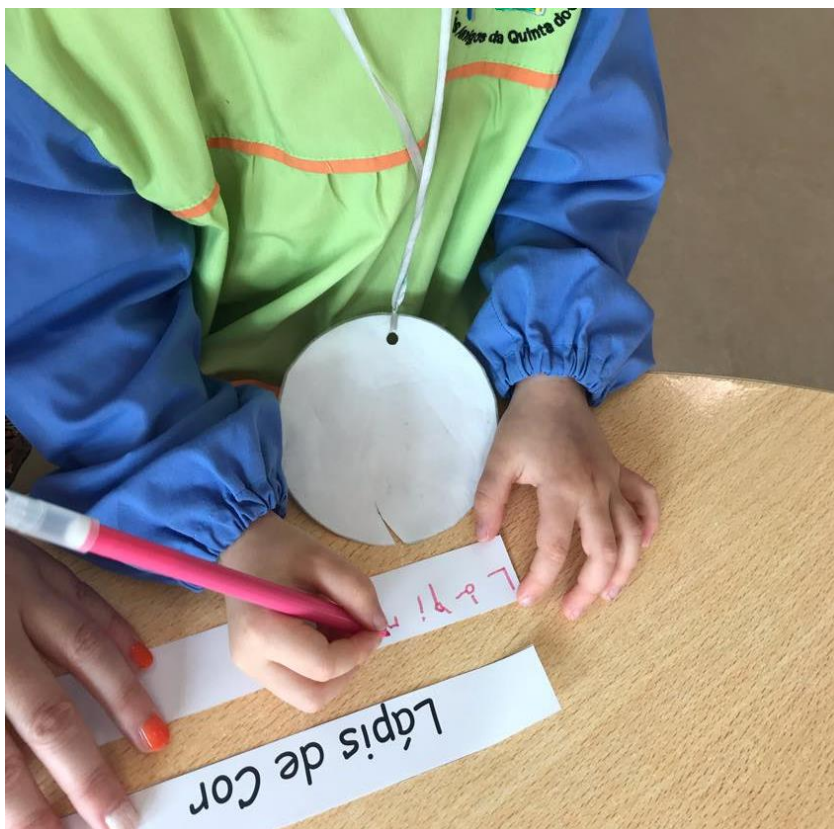


Imagem 8 – Criança H, a escrever para a área da expressão plástica.

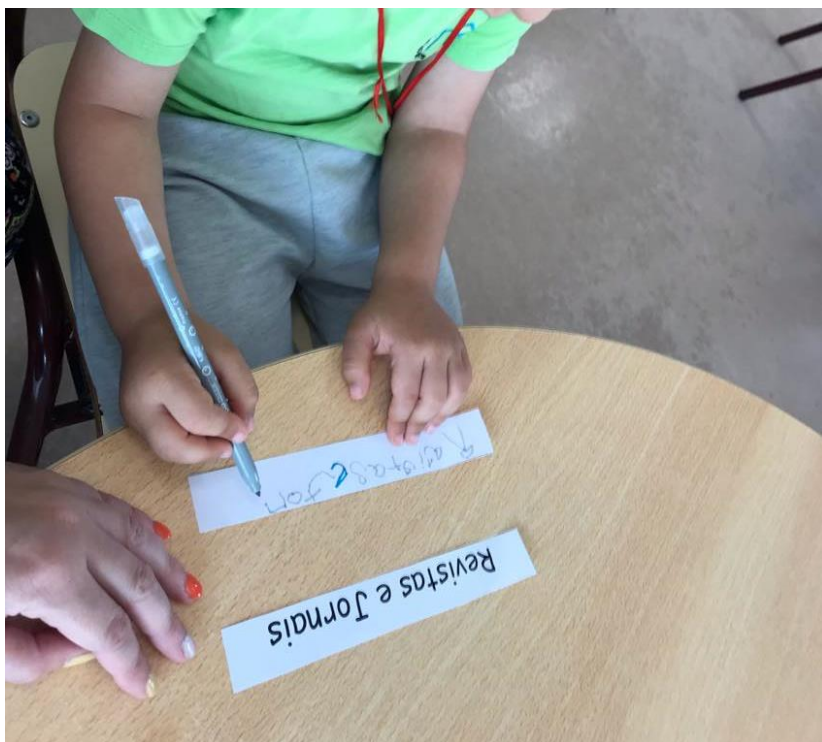


Imagem 9 – Criança I, a escrever para a área da expressão plástica.

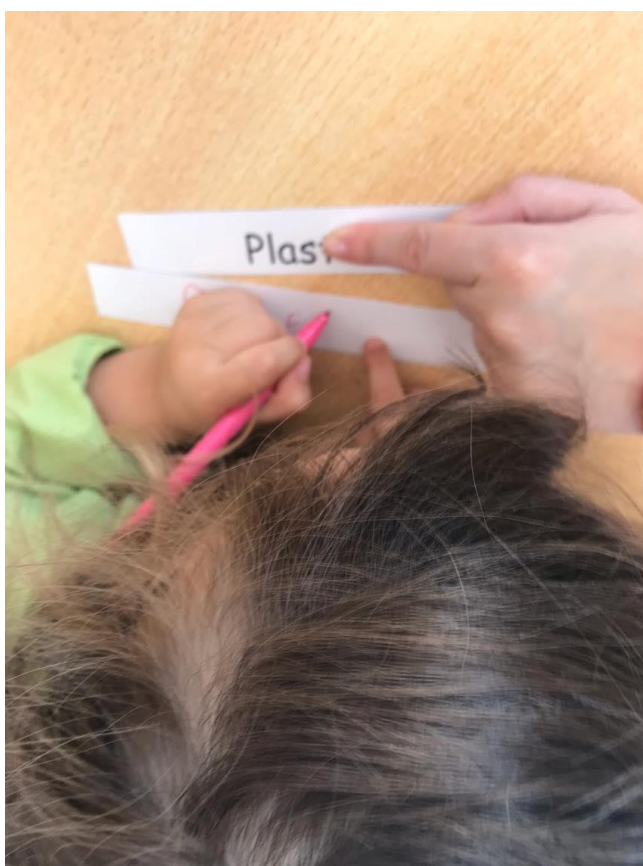


Imagem 10 – Criança J, a escrever para a área da expressão plástica.

Apêndice 7 - Fotografias dos materiais e da área de expressão plástica

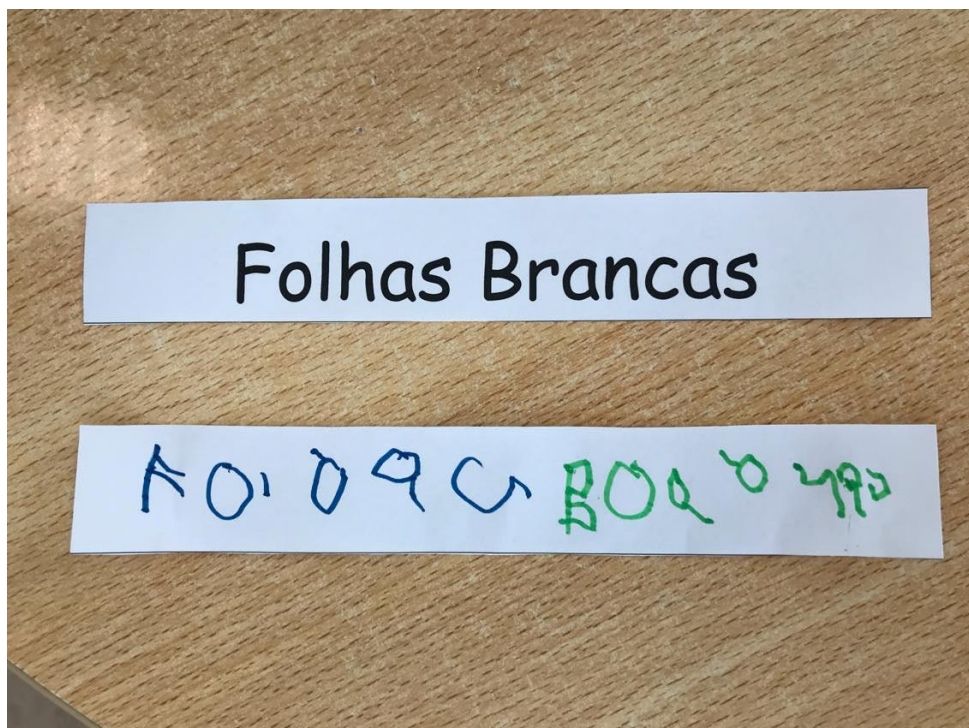


Imagem 11 – Escrita de uma das crianças.

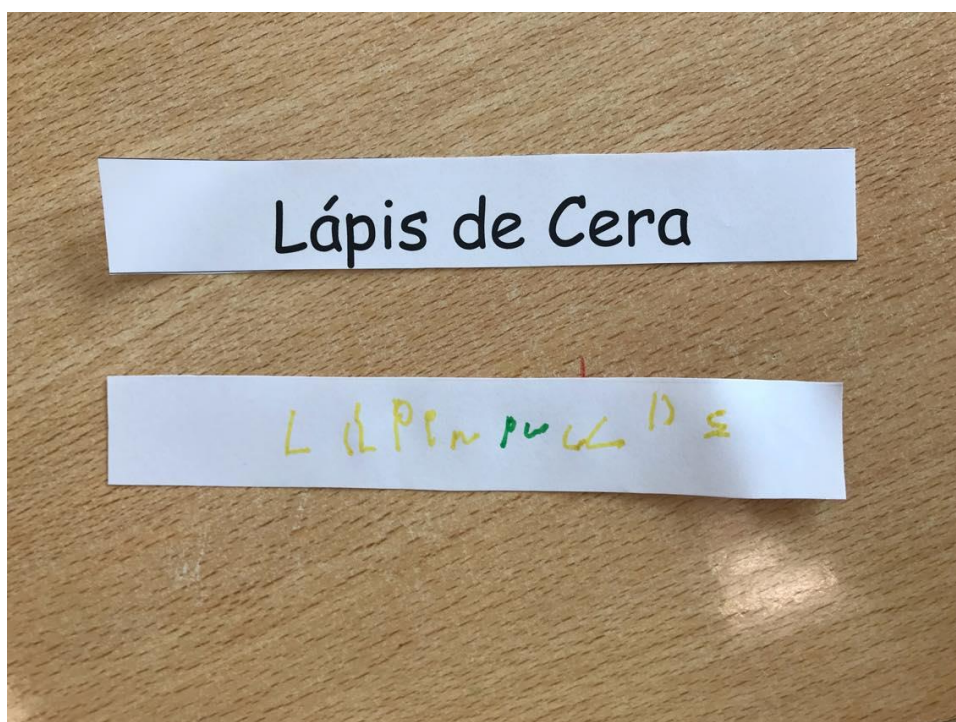


Imagem 12 – Escrita de uma das crianças.



Imagem 13 – Marcação de um recipiente com materiais para a Área da Expressão Plástica.



Imagem 14 – Marcação de um recipiente com materiais para a Área da Expressão Plástica.

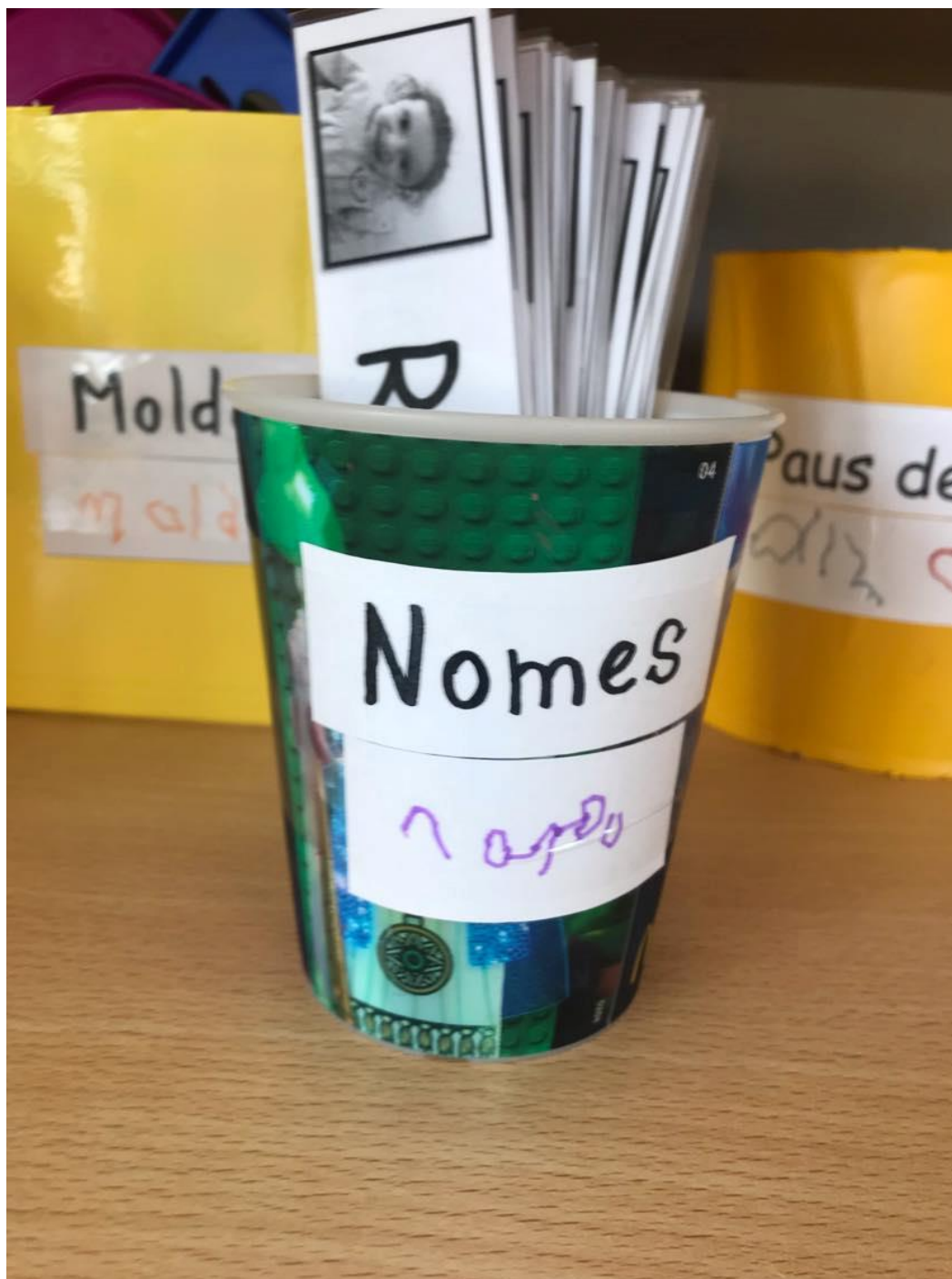


Imagem 15 – Marcação dos recipientes com os materiais para a Área da Expressão Plástica.

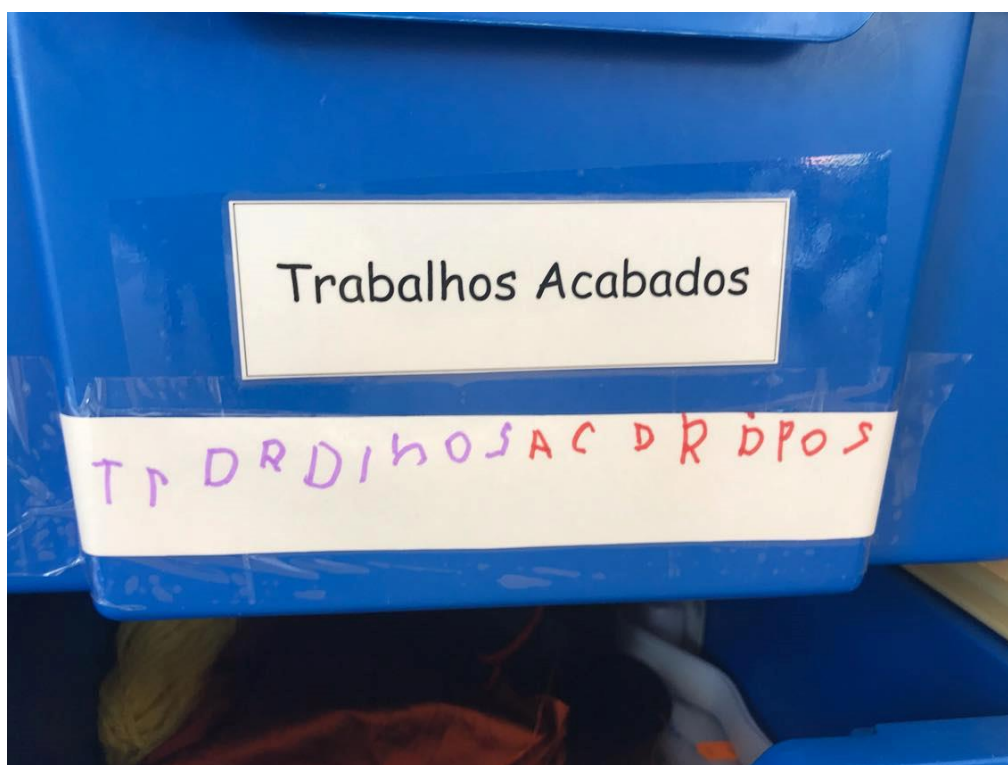


Imagem 16 – Marcação de um recipiente com materiais para a Área da Expressão Plástica.

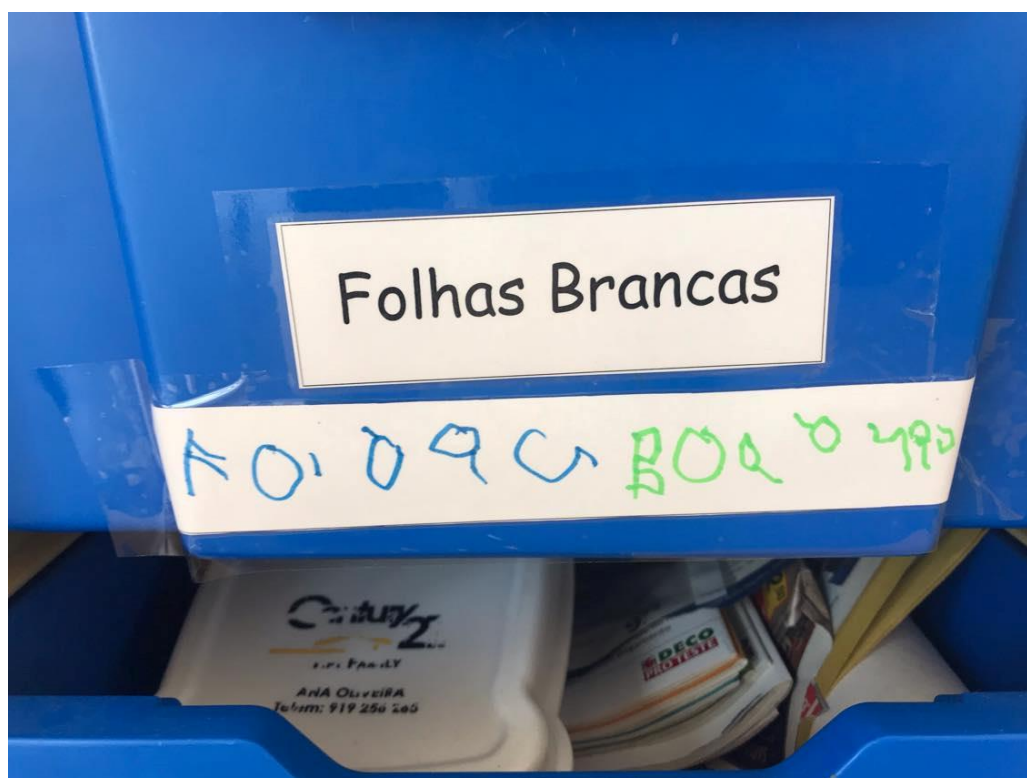


Imagem 17 – Marcação de um recipiente com materiais para a Área da Expressão Plástica.

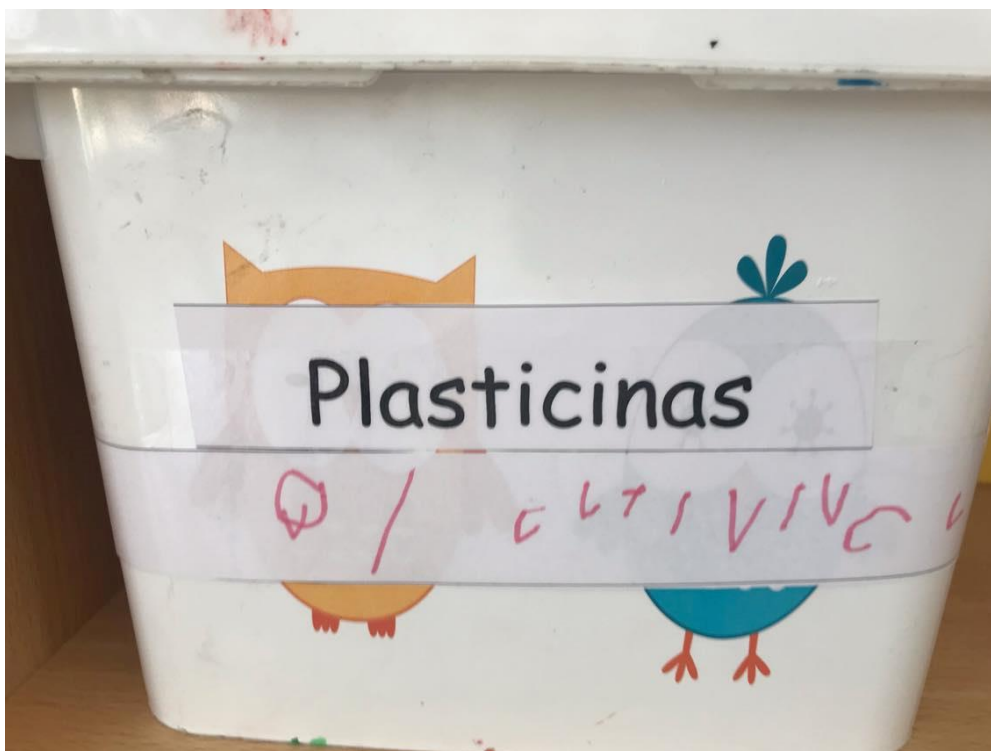


Imagem 18 – Marcação de um recipiente com materiais para a Área da Expressão Plástica.

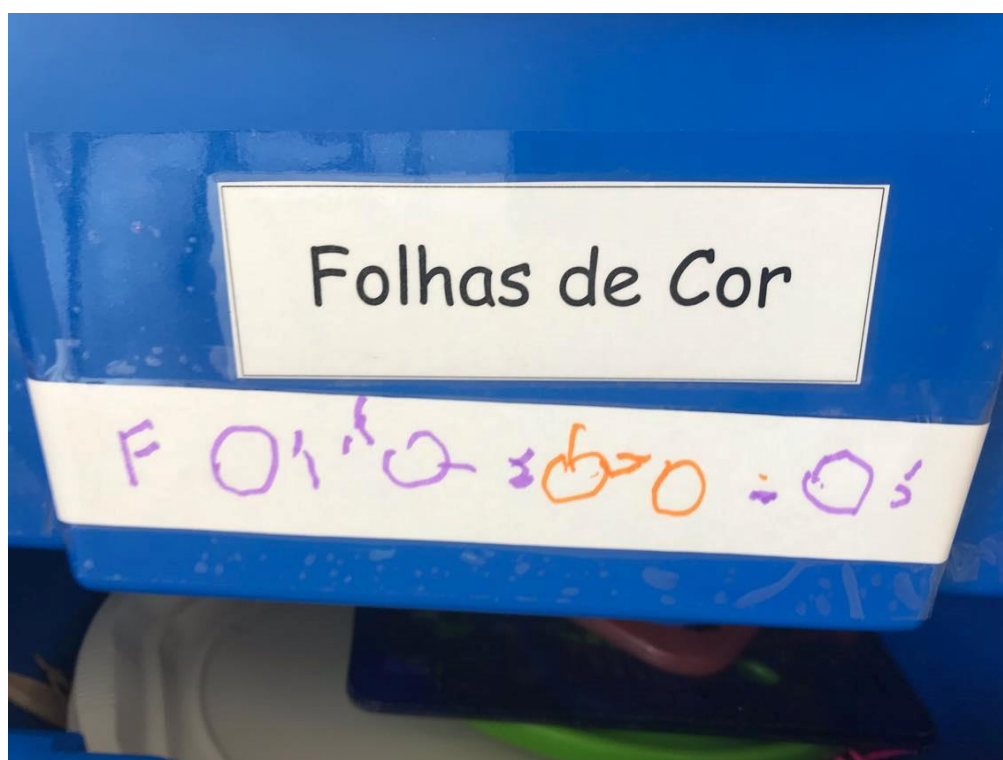


Imagem 19 – Marcação de um recipiente com materiais para a Área da Expressão Plástica.



Imagem 20 – Área da Expressão Plástica, já organizada com todos os materiais.

ANEXOS

Anexo 1 – Plano de atividades

Retirado do Plano de Atividades da Instituição.

Mês de Setembro					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos, Materiais e Logísticos	Destinatár ios
1	Receção aos Pais	Apresentação das normas de funcionamento; Apresentação do Plano de Atividades.	<ul style="list-style-type: none"> – Informar os encarregados de educação sobre as regras e normas da Instituição; – Comunicar os objetivos gerais a serem trabalhados com cada faixa etária ao longo do ano letivo. 	Humanos: Equipa Pedagógica, Famílias e Crianças. Materiais: Meios audiovisuais.	Crianças, Família e Comunidade Educativa,
4	Início do Ano Letivo	Atividades de escolha livre; Atividades que promovam a interação entre adulto/criança.	<ul style="list-style-type: none"> – Promover a interação entre pares; – Favorecer a adaptação ao espaço, aos adultos, às crianças e rotinas; – Promover as relações criança/criança e criança/adulto. 	Material existente na sala; Material de desgaste.	Crianças; Educadoras; Auxiliares.
22	Chegou o Outono	Decoração da Creche com elementos característicos do Outono. Feira do Outono.	<ul style="list-style-type: none"> – Sensibilizar as crianças para a observação da transformação da Natureza; – Observar as cores e alterações climáticas do Outono; – Dar a conhecer os frutos e doces da época. 	Material de desgaste; Fruta da época; Elementos da Natureza.	Crianças; Educadoras; Auxiliares; Família.
25 a 29	Dia Mundial da Música (01/10/2016)	Convidar os pais a virem à creche cantar uma música de manhã e a tarde durante a semana de 25 a 29 de Setembro.	<ul style="list-style-type: none"> – Promover o contato com diferentes estilos e instrumentos musicais; – Proporcionar a exploração de diferentes sons e ritmos; – Proporcionar momentos de convívio entre escola/famílias; – Favorecer o desenvolvimento da capacidade auditiva e rítmica. 	Material existente na sala; Material de desgaste; Meios audiovisuais.	Crianças; Educadoras; Auxiliares; Família.

Mês de Outubro					
Dia	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatár ios
9 a 13	Reuniões Individuais de Pais	Projeto de sala; Plano de Acolhimento Inicial; Plano de Desenvolvimento Individual.	<ul style="list-style-type: none"> – Informar os encarregados de educação sobre a avaliação da integração da criança no contexto de creche e os seus progressos; Elaboração, com a colaboração dos Pais/Encarregados de Educação, do Plano de Desenvolvimento Individual da criança. 	Humanos: Equipa Pedagógica, Famílias e Crianças. Materiais: Meios audiovisuais.	Famílias.

Mês de Outubro					
Dia	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
16	Dia Mundial da Alimentação	Exploração da Horta Pedagógica. Acção de sensibilização, elaboração de um folheto. Trabalho em parceria com as famílias.	<ul style="list-style-type: none"> – Reconhecer a importância da alimentação para a saúde e o bem-estar; – Conhecer e aplicar as normas de higiene alimentar; – Manipular alimentos; – Sensibilizar as famílias para uma alimentação equilibrada. 	Material de desgaste.	Crianças; Educadoras; Auxiliares. Famílias.
24	Dia da Biblioteca Escolar	Visita ao Pólo de Leitura da Quinta do Conde.	<ul style="list-style-type: none"> – Promover o contacto com livro infantil. – Destacar a importância das bibliotecas escolares na educação, assim como promover o gosto pela leitura. 	Transporte	Crianças; Educadoras; Auxiliares.

Mês de Novembro					
Dia	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
10	São Martinho (11/11/2017)	História. “Maria Castanha” / Exploração da Lenda de São Martinho. Realização do Magusto.	<ul style="list-style-type: none"> – Comemorar a tradição do São Martinho de uma forma lúdica; – Proporcionar o convívio e a interação da comunidade educativa com as famílias; – Fomentar a valorização e preservação de tradições. 	Material de desgaste; Material Pedagógico; Castanhas.	Crianças; Equipas Pedagógicas; Direção; Famílias.
20	Dia Nacional do Pijama	Leitura e/ou adaptação da história do Dia do Pijama; Desfile de pijama pelas diferentes valências da LAQC.	<ul style="list-style-type: none"> – Participar na iniciativa nacional e educativa; – Angariar fundos para ajudar a Instituição Social; – Dar a conhecer outras realidades e valores: partilha, acolher, solidariedade e a amizade. 	Material de desgaste; Material Pedagógico fornecido pela Associação Mundos de Vida; Comunidade.	Crianças; Educadoras; Auxiliares; Famílias.

Mês de Dezembro					
Dia	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
4	Início da Época Natalícia	Elaboração de efeitos natalícios. Decoração da Creche com elementos da época.	<ul style="list-style-type: none"> – Vivenciar o espírito do Natal; – Conhecer as tradições alusivas a esta época e de que forma estas são vividas nas diversas famílias. 	Material de desgaste; Material existente na sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares; Famílias.
16	Festa de Natal	Apresentação de uma peça de teatro realizada pela equipa pedagógica com as crianças.	<ul style="list-style-type: none"> – Proporcionar momentos de convívio e alegria entre as equipas pedagógicas, as crianças e os membros familiares. – Promover a relação escola-família. Vivenciar o espírito natalício. 	Material de desgaste. Aluguer do Espaço Prendas de Natal - crianças	Crianças; Educadoras; Auxiliares; Famílias; Direção.
18 a 22	Reuniões Individuais de Pais	Reavaliação do Plano de Desenvolvimento Individual.	<ul style="list-style-type: none"> – Informar os encarregados de educação sobre a avaliação da integração da criança no contexto de creche e os seus progressos; – Reavaliar as estratégias do Plano de Desenvolvimento Individual; – Colaborar com os pais para nova calendarização dos objetivos propostos. 	Sala; Equipa Pedagógica; Família.	Educadora; Famílias.
21	Chegou o Inverno	Realização de trabalhos alusivos ao Inverno; Decoração da Creche com elementos caraterísticos da estação.	<ul style="list-style-type: none"> – Sensibilizar as crianças para a observação da transformação da natureza; – Explorar vários elementos da natureza; – Sinalizar as alterações climáticas do Inverno. 	Material de desgaste. Material existente na sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares.

Mês de Janeiro					
Dia	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
5	Dia de Reis (06/01/2018)	Elaboração e decoração de coroas; Apresentação da história dos Reis Magos.	<ul style="list-style-type: none"> – Conhecer a lenda dos Reis Magos; – Sensibilizar as crianças para a importância da preservação e conhecimento das tradições. 	Material de desgaste; Material existente na sala.	Crianças; Educadoras; ; Auxiliares.

Mês de Janeiro					
Dia	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
16 a 26	Exposição Itinerante Projeto: "Falar de ..."	Favorecer a escolha das histórias pela criança de forma a ser trabalhado e explorado em casa pela família.	<ul style="list-style-type: none"> – Proporcionar a relação criança-família; – Promover o respeito e o gosto pelo livro; – Saber manusear o livro. 	Livros; Material de desgaste. Saco viajante.	Crianças; Educadoras; ; Auxiliares; Família.

Mês de Fevereiro					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
05 a 09	Semana da Fantasia	Dias temáticos alusivos ao Carnaval.	<ul style="list-style-type: none"> – Vivenciar o espírito de carnaval; – Fomentar o convívio entre as várias respostas sociais; – Proporcionar momentos de diversão e alegria. 	Material de desgaste; Material existente na sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares.
12	Carnaval	Baile de Fantasia na LAQC.	<ul style="list-style-type: none"> – Fomentar a socialização entre pares; – Desenvolver a criatividade e imaginação; – Promover momentos de fantasia. 	Material de desgaste; Material existente na sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares; A Direção.

Mês de Março					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
12 A 16	Dia do Pai	Elaboração do presente do Dia do Pai; Semana de atividades com os Pais.	<ul style="list-style-type: none"> – Valorizar e preservar os laços familiares; – Estimular a criança para a exteriorização de sentimentos e afetos; – Valorizar a figura paterna; Proporcionar e fomentar a relação creche/família. 	Material de desgaste; Material existente na sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares; Pais.
21	Chegou a Primavera	Feira da Primavera. Realização de trabalhos alusivos à Primavera; Decoração da Creche com elementos caraterísticos da estação.	<ul style="list-style-type: none"> – Sensibilizar as crianças para as alterações da natureza; – Explorar vários elementos da natureza. 	Material de desgaste; Material existente na sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares.

Mês de Março					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatá rios
26 a 30	Reuniões Individuais de Pais	Reavaliação do Plano de Desenvolvimento Individual.	<ul style="list-style-type: none"> – Informar os encarregados de educação sobre a avaliação da integração da criança no contexto de creche e os seus progressos; – Reavaliar as estratégias do Plano de Desenvolvimento Individual; – Colaborar com os pais para nova calendarização dos objetivos propostos. 	Sala; Equipa Pedagógica; Família.	Educadora; Famílias.
26 A 28	Páscoa (01/04/2018)	Elaboração de uma prenda alusiva ao tema. Caça ao ovo.	<ul style="list-style-type: none"> – Promover e valorizar a tradição da Páscoa; – Estimular o convívio e a partilha entre pares das diferentes respostas sociais. 	Material de desgaste; Material existente na sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares.

Mês de Abril					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatá rios
2 a 6	Dia Internacional do Livro Infantil (2/04/2018)	Feira do Livro (Parceria escola/ família)	<ul style="list-style-type: none"> – Incentivar o contato com o livro; – Promover e valorizar a participação das crianças em atividades de cultura; – Promover o gosto pela leitura; – Proporcionar o enriquecimento cultural; – Proporcionar momentos lúdicos. 	Livro; Sala Polivalente.	Crianças; Educadoras; Auxiliares.
27	Dia Mundial da Dança (29/04/2017)	Dinamização de uma atividade de dança pela Equipa Pedagógica.	<ul style="list-style-type: none"> – Proporcionar momentos de alegria e convívio entre os pares e adultos; – Utilizar a linguagem corporal como forma de expressão e comunicação. 	Rádio e cd; Sala/ Parque Exterior.	Crianças; Educadoras; Auxiliares.

Mês de Maio					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatár ios
30 a 4	Dia da Mãe (06/05/2017)	Elaboração do presente do Dia da Mãe; Semana de atividades com as Mães.	<ul style="list-style-type: none"> – Valorizar e preservar os laços familiares; – Estimular a criança para a exteriorização de sentimentos e afetos; – Valorizar a figura materna; Proporcionar e fomentar a relação creche/família. 	Material de desgaste; Material existente na Sala.	Crianças; Educadora s; Auxiliares; Mães.

Mês de Maio					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
18	Dia Internacional da Família (20/05/2017)	Lanche convívio com as famílias.	<ul style="list-style-type: none"> – Realçar a importância da família como elo afetivo; – Partilhar experiências entre crianças e famílias; – Promover o convívio e a partilha. 	Material de desgaste; Material existente na Sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares; Família.
25	Dia dos Avós	Lanche convívio com os Avós. Dinamização de atividades com os Avós.	<ul style="list-style-type: none"> – Realçar a importância da família como elo afetivo; – Partilhar experiências entre crianças e famílias; – Proporcionar momentos de convívio entre a equipa pedagógica e famílias. 	Material de desgaste; Material existente na Sala.	Crianças; Educadoras; Auxiliares; Família.

Mês de Junho					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatários
1	Dia Mundial da Criança	Festa Convívio das crianças na LAQC.	<ul style="list-style-type: none"> – Proporcionar à criança momentos de convívio e alegria com os pares; – Oferecer à criança novas experiências. 	Insufláveis; Pinturas Faciais; Modelagem de balões.	Crianças; Educadoras; Auxiliares.
4 a 15	Época Balnear	Saída ao exterior: Praia com o grupo de crianças dos 24 aos 36 meses.	<ul style="list-style-type: none"> – Promover e realizar momentos diferentes daqueles que foram vividos ao longo do ano; – Estimular o contacto com diferentes elementos da natureza; – Desenvolver a autoconfiança e a autonomia da criança. 	Transporte	Crianças; Educadoras; Auxiliares; A Direção
23	Festa Final de Ano	Dramatização/ Dança realizada pelas equipas das salas.	<ul style="list-style-type: none"> – Vivenciar e fomentar o gosto pelas tradições populares; – Promover momentos de alegria e convívio entre a escola e a família. 	Suporte Sonoro; Espaço Exterior.	Crianças; Equipa Educativa; Família; Direção; Sócios.
25 a 29	Reunião de Pais	Avaliação Final do Plano de Desenvolvimento Individual	<ul style="list-style-type: none"> – Entrega da Avaliação Final do Plano de Desenvolvimento Individual; – Partilha de informações sobre o ano letivo. 	Equipa Pedagógica; Sala; Família.	Educadoras : Família.

Mês de Julho					
Di a	Tema	Atividades / Estratégias	Intenções Pedagógicas	Recursos Humanos e Materiais	Destinatá rios
2 a 31	Atividades Lúdicas	Brincadeiras livres/ direcionadas.	<ul style="list-style-type: none"> – Proporcionar momentos de alegria e convívio entre as crianças; – Desenvolver a imaginação e criatividade; – Explorar e estimular o contato com diversos materiais. 	Material de desgaste; Material Pedagógico; Piscinas insufláveis.	Crianças; Educadoras ; Auxiliares.

Anexo 2 - Rotina da sala

Rotina Diária	
7:30 - 9:00	Acolhimento
9:00 - 10:00	Acolhimento na sala Momento de grande grupo: Canção dos Bons dias, Mapas (Presenças/ Tempo/ etc.) e reforço de fruta da manhã.
10:00 - 11:00	Atividades Espontâneas e Planificadas/ Projetos e Mini Projetos que surjam do interesse das crianças. (Em grande ou pequeno grupo)
11:00 - 11:30	Momento de Reflexão Tempo de Arrumar Brincadeira Livre
11:30 - 12:30	Higiene, Almoço e Higiene
12:30 - 13:30	Momento calmo/Relaxamento
13:30- 15:00	Atividades Espontâneas e Planificadas/ Projetos e Mini Projetos que surjam do interesse das crianças. Momento de Reflexão
15:00 - 15:30	Brincadeira Livre/Recreio
15:30 - 16:15	Higiene, Lanche, Higiene
16:15 - 17:00	Brincadeira Livre/Recreio
17:00-19:00	Entrega na Sala Polivalente

Anexo 3 - Planta da sala

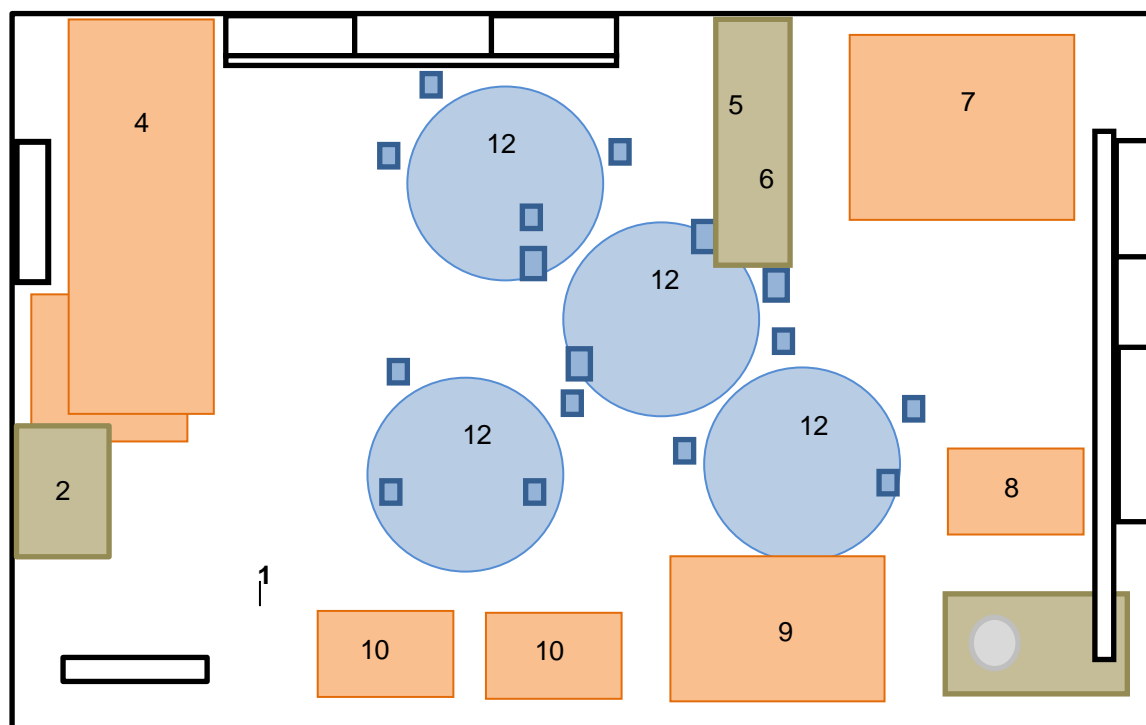


Figura 1 - Planta da sala de atividades 1.

Número:	Descrição:
1	Porta de entrada
2	Armário
3	Área da Garagem
4	Área da Casinha
5	Área dos Jogos*
6	Área da Biblioteca*
7	Área de Grande Grupo
8	Área das Construções
9	Área das Artes Visuais
10	Área dos Brinquedos
11	Janelas
12	Mesas e cadeiras

Tabela 3 – Legenda para a figura 1